

PROJETO CAATINGA POTIGUAR

cartograma



FICHA TECNICA

Coordenação editorial

Eduardo Venticinque, Marina Fonseca e Carlos Roberto Fonseca

Revisão

Paulo Henrique Marinho

Projeto gráfico e editoração

Marina Fonseca, Eduardo Venticinque e Carlos Roberto Fonseca

Textos

Mamíferos – Paulo Henrique Marinho

Aves – Damião Valdenor de Oliveira

Lagartos – Alan Felipe Oliveira

Levantamento socioecológico – Maria Clara Bezerra

Mapeamento participativo – Marina Fonseca

Caracterização geral – Marina Fonseca e Paulo Henrique Marinho

Textos gerais - Carlos Roberto Fonseca, Eduardo Venticinque e Marina Fonseca

Mapas

Marina Fonseca e Eduardo Venticinque

Fotos

Alan Felipe Oliveira

Carlos Roberto Fonseca

Daniel Mello

Eugenia Schmidt

Juan Carlo Vargas Mena

Maria Clara Bezerra

Projeto Caatinga Potiguar

Tonny Marques

Mauro Pichorim

Equipes de campo

Mapeamento participativo – Marina Fonseca, Airton Galvão e Paulo Henrique Marinho

Levantamento socioecológico – Maria Clara Bezerra e Aniele da Silva Araujo

Mamíferos - Paulo Henrique Marinho, Daniel Mello, Marina Fonseca e Airton Galvão

Aves – Damião Valdenor de Oliveira e Airton Galvão

Lagartos – Alan Felipe Oliveira e Airton Galvão

Coordenadores do projeto

Eduardo Martins Venticinque (UFRN, SIG & Integridade Biótica)

Carlos Roberto Fonseca (UFRN, Integridade Biótica)

Equipe Proponente

Karl Andrew Didier (WCS-Brasil, SIG & Integridade Biótica)

Marina Antongiovanni da Fonseca (UFRN, SIG & Mapeamento Participativo)

Miriam Plaza Pinto (UFRN, Integridade Biótica)

Priscila Fabiana Macedo Lopes (UFRN, Resiliência Socioecológica)

Adriana Carvalho (UFRN, Resiliência Socioecológica)

Ana Vasconcellos Garrido (WCS, Coordenadora financeira)

Demais Colaboradores

Mauro Pichorim (UFRN, Integridade Biótica - Aves)

Adrian Antonio Garda (UFRN, Integridade Biótica - Répteis)

Paulo Henrique Marinho (UFRN, Integridade Biótica - Mamíferos)

Damião Valdenor de Oliveira (UFRN, Integridade Biótica - Aves)

Daniel Bezerra (UFRN, Integridade Biótica - Mamíferos)

Airton Galvão Filho (Voluntário, Integridade Biótica, Mapeamento Participativo)

Luis Felipe Fernandes Barros (IDEMA, Gestor)

Natalia Rodriguez (IDEMA)

Realização



Parceria



Apoio





Justificativa

A Caatinga é extremamente rica em espécies vegetais e animais, sendo que esta biodiversidade tem sido utilizada pela população humana há milhares de anos. Se por um lado cerca de 50% da área da Caatinga já foi desmatada, nos 50% restante ainda existem inúmeras oportunidades de conservação da biodiversidade. O

Projeto Caatinga Potiguar, uma cooperação entre a WCS-Brasil, UFRN e IDEMA, visa gerar subsídios ecológicos e sociais para a criação de novas Unidades de Conservação na Caatinga Potiguar

Como está registrado nas inúmeras pinturas rupestres espalhadas pela Caatinga, as primeiras sociedades humanas que habitaram a região utilizaram os recursos de inúmeros mamíferos da megafauna que foram extintos, como os tatus gigantes, os tigres dente de sabre, as preguiças gigantes e outros animais de grande porte (ex. *Xenorinotherium*, *Macrauchenia*, *Paleolana*, *Eremotherium*). Relatos históricos indicam que quando os Europeus chegaram à região, a fauna era bem mais abundante do que nos dias de hoje. Onças pintadas, onças pardas, antas, veados, porcos do mato, macacos e muitas outras espécies eram muito comuns nas paisagens semiáridas da Caatinga. A diminuição populacional que se verificou ao longo destes cinco séculos é em grande parte explicada pela perda e modificação do habitat e pela caça.

Estas modificações não afetaram somente os mamíferos, mas tem afetado também as aves, os répteis, as plantas e o restante da biodiversidade. O desmatamento tem alterado também o ciclo hidrológico e a qualidade da água disponível para a população local. Segundo alguns estudos, o desmatamento e a retirada contínua de lenha está tornando a Caatinga mais suscetível ao processo de desertificação que deve se acirrar segundo modelos de mudanças globais.

O Brasil é um dos países signatários da Convenção sobre Diversidade Biológica – CDB, tendo se comprometido a participar de um esforço mundial para conservação e uso sustentável da biodiversidade. No entanto, até hoje apenas 1,13% da Caatinga encontra-se protegido por Unidades de Conservação de Proteção Integral. Apesar de 6,32% do Bioma Caatinga estar em Unidades de Conservação de Uso Sustentável, 98,4% são Áreas de Proteção Ambiental (APA), uma das categorias mais permissivas do SNUC.

Em nível federal o Ministério do Meio Ambiente (MMA) apresenta uma estratégia de priorização das ações que é definida pelo exercício “Áreas Prioritárias para a Conservação, Uso Sustentável e Repartição dos Benefícios da Biodiversidade dos Biomas Brasileiros”, publicado em 2007 (Portaria MMA número 09 de 23/01/2007). No entanto, desde esta data, as novas Unidades de Conservação aumentaram o grau de proteção do Bioma em 0,2%, considerado um avanço extremamente tímido em relação as metas assumidas.

O Rio Grande do Norte possui, nos limites do Bioma Caatinga, sete Unidades de Conservação (UC) Federais, sendo duas de Proteção Integral e cinco de Uso Sustentável. Além disto, possui quatro UC Estaduais, sendo duas de Proteção Integral e duas de Uso Sustentável. A área total da Caatinga potiguar sob proteção soma aproximadamente 26.600 ha, sendo que cerca de 12.300 ha deste total correspondem a UCs de Proteção Integral e aproximadamente 14.300 ha pertencem a UCs de Uso Sustentável. Após a publicação da Portaria do MMA, que indica as áreas prioritárias para conservação do Bioma Caatinga, apenas duas Unidades de Conservação foram criadas no RN, a RPPN Esperança (500 ha) e o Parque Nacional Fumaça (cerca de 8500 ha).

Uma das dificuldades encontradas para se delinear estratégias adequadas para a conservação da biodiversidade no Rio Grande do Norte é a falta de conhecimento sobre a distribuição espacial das espécies. Muitas vezes a simples presença da espécie ainda não foi registrada para o Estado.



Com o avanço tecnológico, está ficando cada vez mais rápido executar-se levantamentos de fauna. Por exemplo, o uso de armadilhas fotográficas que trabalham 24 horas durante meses ininterruptos, tem permitido rápidos avanços no levantamento da fauna de mamíferos.

Outro fator extremamente importante para o delineamento de estratégias adequadas de conservação é o fator humano. Como as populações rurais estão usando os recursos naturais? O quanto elas dependem destes para sobreviver? Que áreas naturais são mais ou menos utilizadas pelas comunidades? Como é possível compatibilizar a vida das pessoas com a conservação da biodiversidade? Para responder à estas questões é necessário ir a campo e conversar com as pessoas e entender o seu modo de vida.

A criação de Unidades de Conservação representa uma grande oportunidade para o desenvolvimento sustentável. No Brasil, Unidades de Conservação de Proteção Integral apresentam um potencial enorme para atração de turistas que fomentam as economias locais. Na Amazônia, as populações tradicionais se beneficiam enormemente de Unidades de Conservação de Uso Sustentável. Na Mata Atlântica, centenas de proprietários estão contribuindo para a conservação da biodiversidade através da criação de Reservas Particulares do Patrimônio Natural.

O desafio atual é o estabelecimento de uma rede de Unidades de Conservação que permita a preservação da biodiversidade da Caatinga para as futuras gerações.



Objetivo Central

Promover o estabelecimento de novas Unidades de Conservação na Caatinga potiguar.

Objetivos Específicos

- 1) Selecionar as principais Áreas Prioritárias para criação de novas Unidades de Conservação na Caatinga potiguar.
- 2) Aumentar o nível de conhecimento sobre a biodiversidade das Áreas Prioritárias através de levantamentos de campo.
- 3) Compreender como os atores sociais utilizam os recursos providos pela biodiversidade potiguar e como eles responderiam às ações de conservação através de mapeamentos participativos e análises socioecológicas.
- 4) Promover a divulgação da importância da biodiversidade da Caatinga potiguar e da urgência das ações de conservação para a sua manutenção para gerações futuras.
- 5) Estabelecer parcerias e estimular a criação de mecanismos inovadores que promovam o estabelecimento de ações de conservação da biodiversidade nas Áreas Prioritárias.



PROJETO CAATINGA POTIGUAR



Fluxograma

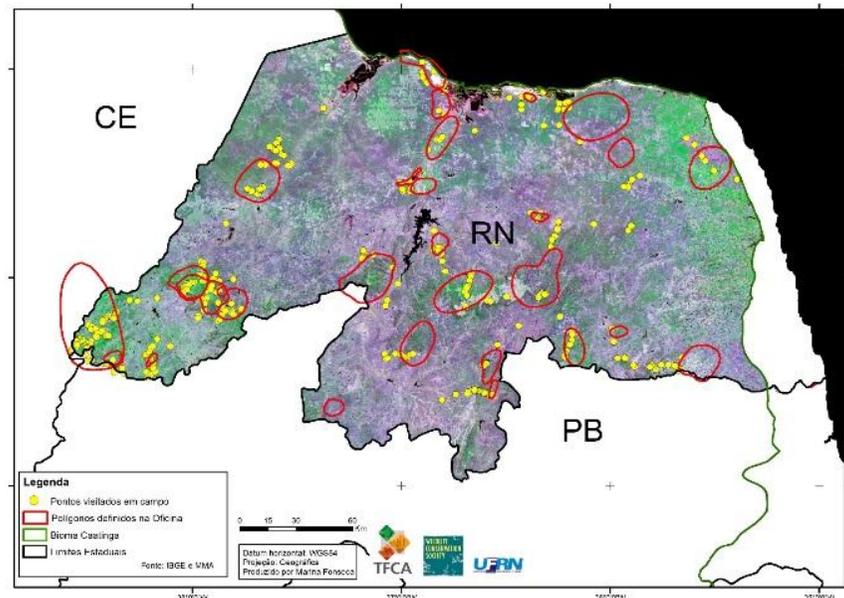
O Projeto foi lançado oficialmente na primeira oficina participativa realizada no Centro de Biociências da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Oficina Oportunidades) aonde os participantes indicaram cerca de 30 áreas de interesse para a conservação da biodiversidade.

Viagens a campo e análises detalhadas de informações espaciais (Sistema de Informação Geográfica) levaram à seleção das 10 Áreas Prioritárias aonde executou-se o levantamento da fauna. Em cinco áreas realizou-se mapeamentos participativos e análises socioecológicas. O reconhecimento de oportunidades reais de conservação foi obtido na Oficina Final que teve a participação de representantes de inúmeros municípios, do IDEMA, IBAMA, ONGs e diversos outros órgãos.

Escolha das Áreas

Uma das primeiras atividades realizadas pelo Projeto Caatinga Potiguar foi a organização da Oficina Participativa Oportunidades (fotos ao lado) para colher o conhecimento de vários especialistas e concededores da

Caatinga Potiguar (Geologia, Ecologia, Botânica, Zoologia, Sociedade Civil, IDEMA, IBAMA). Esse evento ocorreu na UFRN, em Natal, em meados de 2013. Nessa ocasião foram apontadas 29 áreas de grande interesse de conservação para o Estado do Rio Grande do Norte (ver mapa abaixo). A oficina contou com a presença do Dr. Luiz Antonio Cestaro, do Departamento de Geografia da UFRN, que já havia identificado em 2008 varias Áreas Prioritárias para a Criação de Unidades de Conservação no estado do Rio Grande do Norte. Os participantes identificaram as áreas em mapas impressos e posteriormente estes resultados foram adicionados à um Sistema de Informação Geográfica (SIG) para subsidiar os próximos passos do processo.





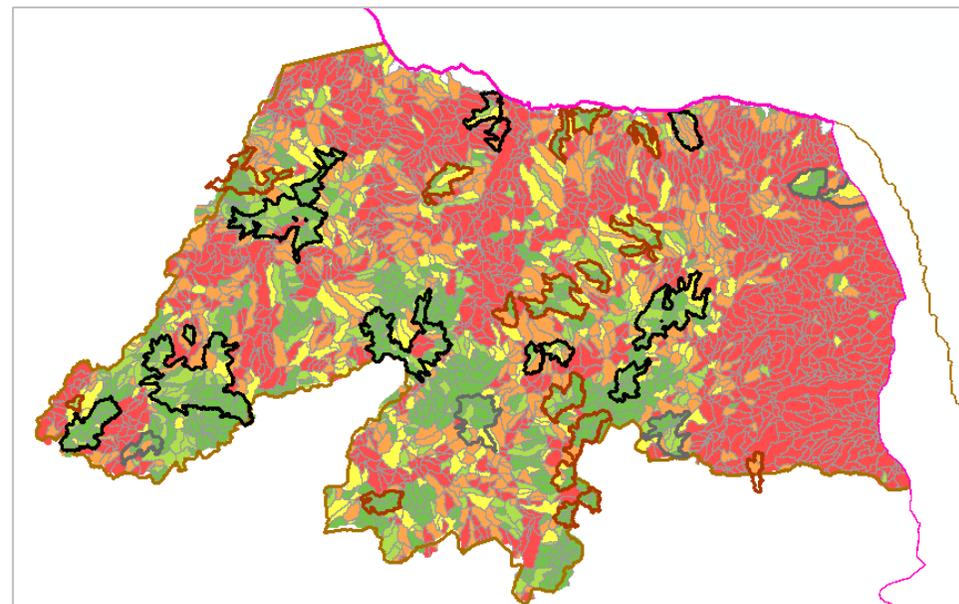
Carlos R. Fonseca

Após a Oficina, diversas expedições de campo foram realizadas para o reconhecimento do grau de integridade da vegetação e do potencial de conservação de cada uma das áreas sugeridas. As áreas que foram visitadas pela equipe do Projeto Caatinga Potiguar são representadas pelos pontos amarelos (no mapa da página anterior). Com estas informações de campo, realizou-se uma primeira filtragem de forma a selecionar-se as 20 áreas de maior potencial.

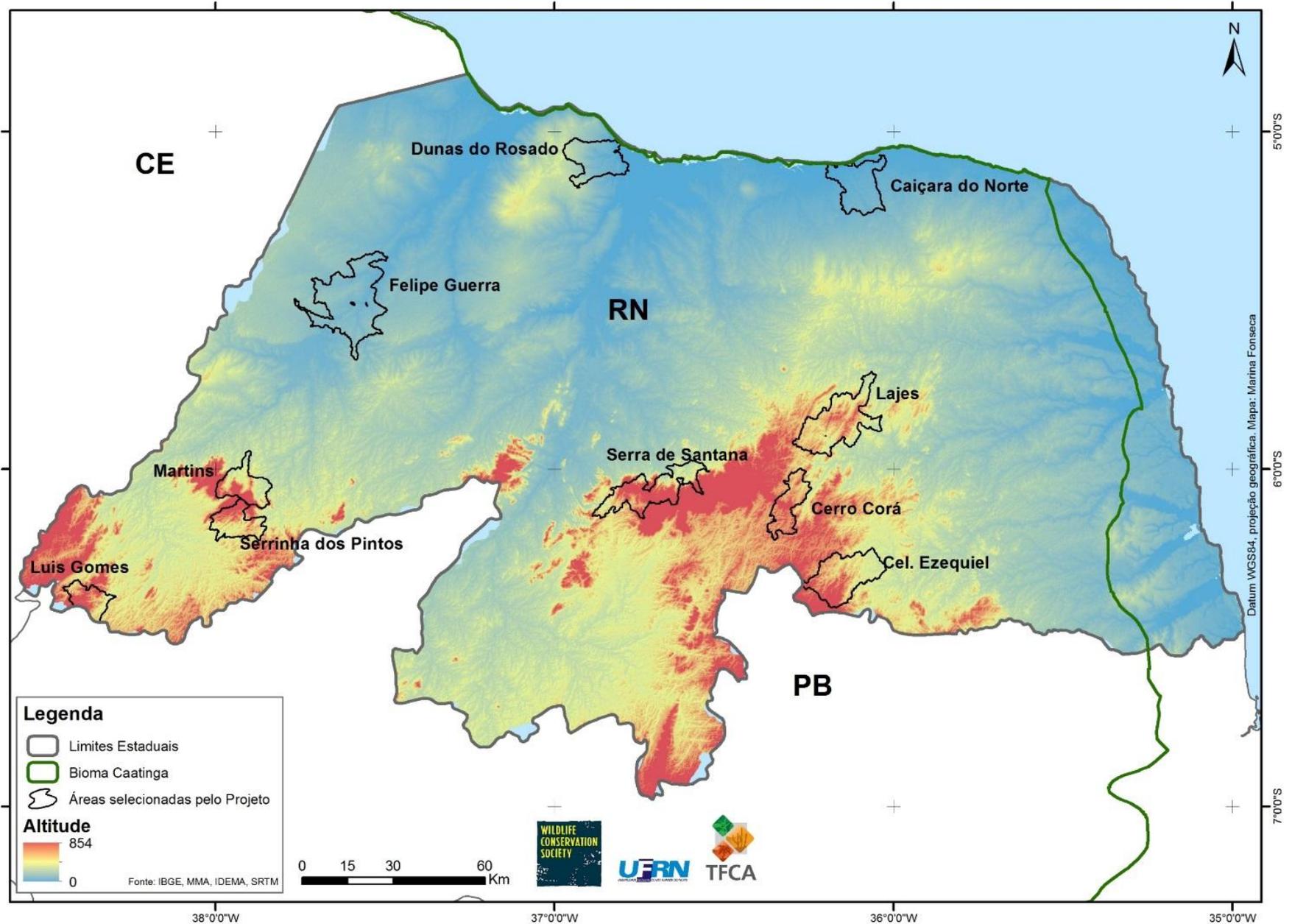
Para uma definição geográfica mais precisa das oportunidades de conservação da Caatinga potiguar, realizou-se uma análise profunda da paisagem do Rio Grande do Norte através de um Sistema de Informação Geográfica (SIG). O primeiro passo foi a criação de um conjunto de trechos de bacias hidrográficas em toda a Caatinga do RN para utilizar-se como unidade de espacialização das informações. Outra informação especialmente importante neste processo foi a quantidade de remanescente de Caatinga em cada uma destas bacias (ver figura ao lado). Além disto, diversas outras camadas de informações ambientais, sociais e econômicas foram analisadas.

Na figura baixo pode-se ver que as paisagens de diferentes regiões dentro do Estado do Rio Grande do Norte possuem diferentes potencias de conservação da biodiversidade, a julgar pelo grau de integridade da vegetação em cada bacia hidrográfica. Em vermelho estão marcadas as bacias hidrográficas com pouca cobertura remanescente de Caatinga (<50%), em amarela as bacias com cobertura intermediária, e em verde as bacias com uma porcentagem mais elevada de cobertura de Caatinga. Além disto, foram incorporadas informações adicionais como a representatividade geomorfológica (principalmente pela posição das áreas no gradiente topográfico, tipo de vegetação (Caatinga arbórea e arbustiva) e características específicas de certas áreas como, por exemplo, a presença de cavernas.

Assim, foram selecionadas as 10 áreas que foram elencadas como Prioritárias para a conservação da biodiversidade da Caatinga Potiguar (ver figura na próxima página). Todas estas áreas foram contempladas com amostragem de mamíferos de médio e grande porte, sete com amostragens de aves e lagartos, em cinco foram executados mapeamentos participativos e análises socioecológicas.

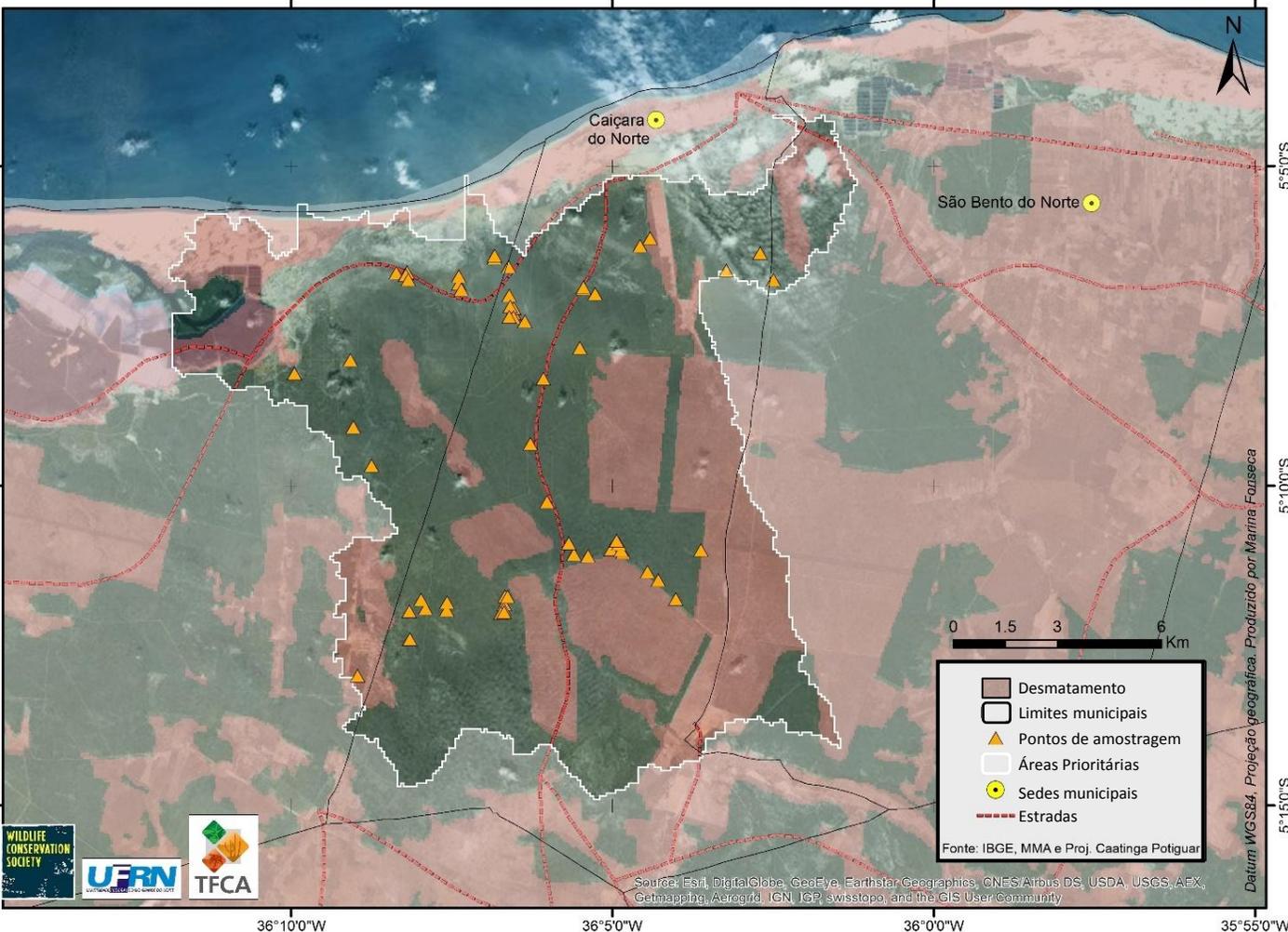


Dez Áreas Prioritárias para Conservação da Biodiversidade Potiguar



Caracterização Geral

Esta área prioritária sobrepõem-se aos municípios de São Bento do Norte, Caiçara do Norte e Galinhos. Localizada na região litorânea, esta área possui uma vegetação bastante particular, representada por uma caatinga arbórea-arbustiva estabelecida em um solo bastante arenoso e dominada por árvores como a catanduva (*Piptadenia moniliformis*). Caiçara é uma das áreas com maior pressão de desmatamento, o que pode ser explicado pela intensificação das ameaças antrópicas em áreas planas e especialmente próximas do litoral, onde em geral a ocupação humana é mais intensa. Neste sentido, esta área possui uma considerável quantidade de assentamentos rurais no seu entorno, o que deve aumentar a exploração dos seus recursos naturais. Em termos econômicos, merecem destaque os parques eólicos implantados na região e o seu potencial turístico por conta da grande beleza cênica. Esta é uma das poucas áreas onde a vegetação de Caatinga é encontrada no litoral, tornando essa área especialmente importante para a conservação.



Informações gerais

Área Total: 22034,9 ha

Área de Caatinga: 14077,7 ha

Porcentagem de Caatinga: 63,9%

Área de Caatinga Arbórea: 89,6 ha

Porcentagem de Caatinga Arbórea: 0,4%

Altitude média (mín — máx): 27 m (0 — 66)

Caiçara do Norte

Mamíferos

Com seis espécies registradas, Caiçara do Norte apresentou a menor riqueza encontrada. Contudo, estão presentes o veado-catingueiro (*Mazama gouazoubira*), a jaritataca (*Conepatus amazonicus*) e o gato-domato-pequeno (*Leopardus tigrinus*), espécie ameaçada de extinção. A baixa integridade da comunidade de mamíferos parece ser resultado de ameaças antrópicas que costumam se intensificar em área planas e especialmente próximas do litoral. Neste sentido, a considerável quantidade de assentamentos rurais no seu entorno deve aumentar a pressão sobre as populações locais de mamíferos através da perda e degradação dos remanescentes de Caatinga, bem como pela caça. Apesar disso, a região apresenta habitats representativos com uma vegetação de caatinga densa de porte arbóreo-arbustivo, e por isso deve ser considerada em exercícios de conservação da fauna e flora da Caatinga no Estado do Rio Grande do Norte.



Aves

Com 51 espécies de aves registradas, esta foi a área com menor número de espécies de aves encontradas durante o levantamento. Entretanto, em um remanescente de Caatinga desta área foi registrada a jacucaca (*Penelope jacucaca*) que está ameaçada de extinção. Devido à Caatinga dessa área se estender até a região litorânea, algumas espécies típicas das regiões costeiras foram observadas, como é o caso da gaivota-de-cabeça-cinza (*Chroicocephalus cirrocephalus*) (foto ao lado) e do trinta-réis-de-bico-preto (*Gelochelidon nilótica*). A baixa riqueza de espécies encontrada pode estar relacionada ao fato dos remanescentes de Caatinga amostrados estarem muito impactados e fragmentados, principalmente pelo corte da vegetação, pelo grande número de estradas e de assentamentos rurais, além do pastoreio pelo gado, caprinos e ovinos, o que provavelmente resultou em extensas áreas abertas de Caatinga arbustiva baixa. Entretanto, a região apresenta habitats representativos com uma vegetação de caatinga densa de porte arbóreo-arbustivo com características diferentes das outras áreas amostradas.



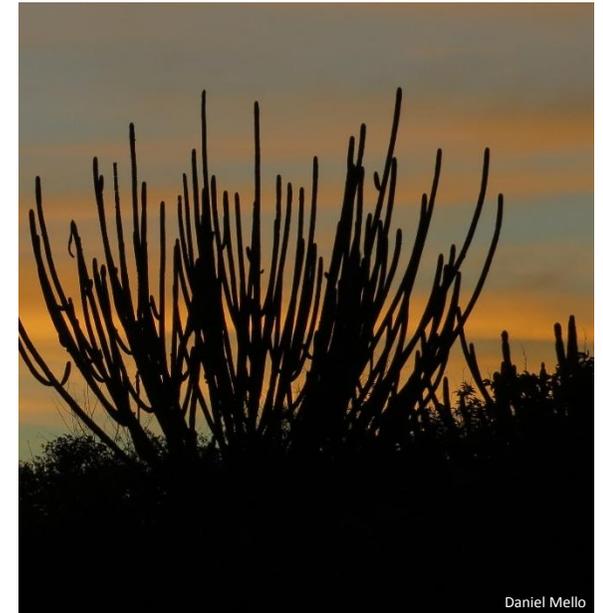
Lagartos

Caiçara é a única área de Caatinga amostrada que fica no litoral. Possui característica bastante distinta das outras áreas mais ao interior do estado, principalmente o tipo de solo predominantemente arenoso e com ausência de afloramentos rochosos. Para esta área foram registradas cinco espécies de lagartos de ampla distribuição (*Tropidurus hispidus*, *Gymnodactylus geckoides* e *Cnemidophorus ocellifer* e *Lygodactylus klugei*). No entanto, para esta localidade houve um registro único de lambioia (*Hemidactylus agrius*) (foto ao lado).

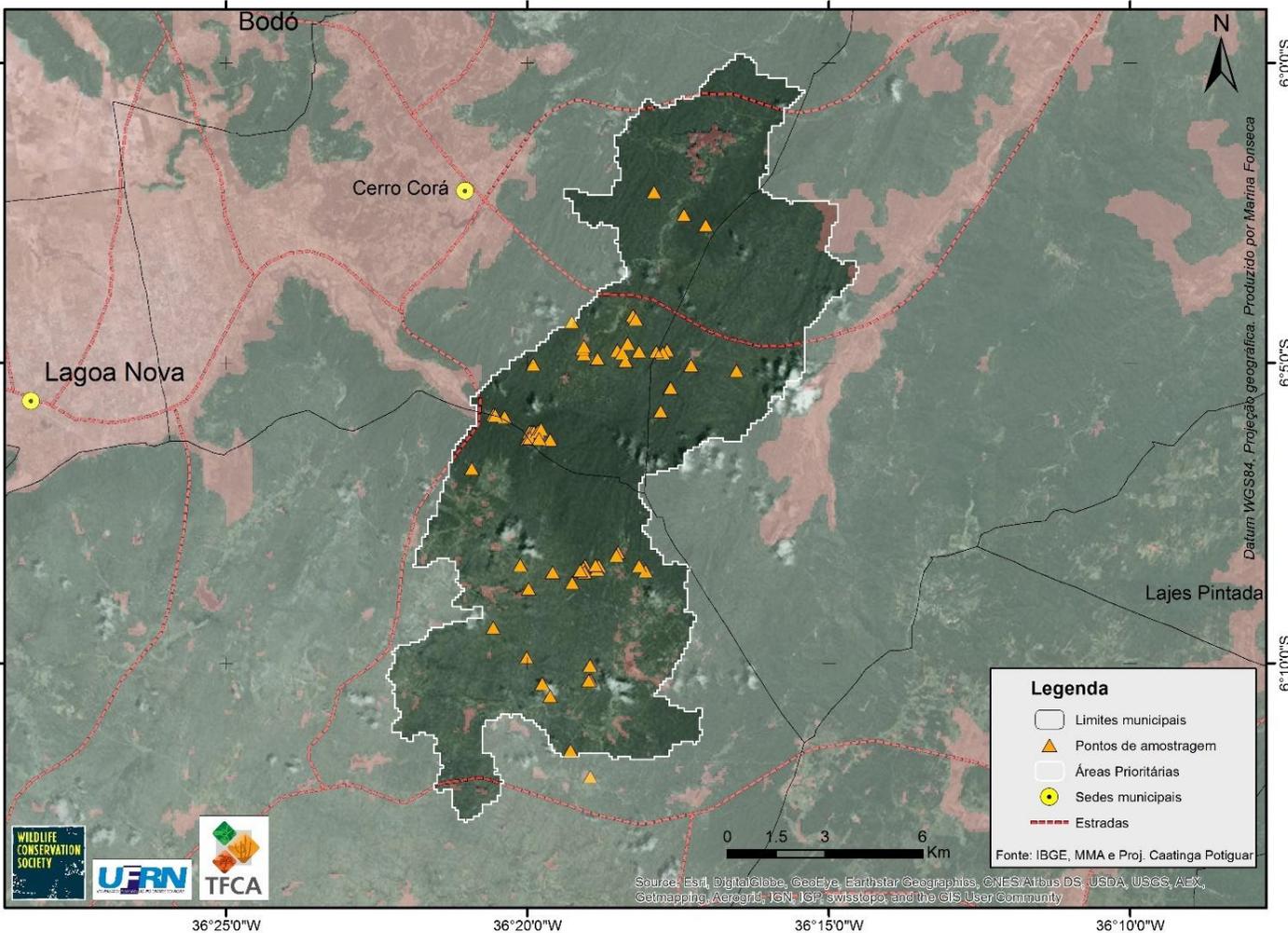


Caracterização Geral

Localizada no Planalto da Borborema, essa área prioritária abriga porções dos municípios de São Tomé, Currais Novos e Cerro Corá. É uma região de grande relevância para a conservação da Caatinga potiguar por apresentar remanescentes bem preservados de Caatinga arbórea – uma das fisionomias vegetais mais ameaçadas do Bioma – com presença de espécies ameaçadas com distribuição atual restrita a essas porções de mata. Além disso, a área de Cerro Corá abriga parte das cabeceiras do Rio Potengi, que desagua na cidade de Natal, representando o rio mais importante do Estado. A conservação desta área é imprescindível para a manutenção dos serviços ambientais, sociais e econômicos prestados pelo Rio Potengi.



Daniel Mello



Informações gerais

Área Total: 14877,2 ha

Área de Caatinga: 14481,8 ha

Porcentagem de Caatinga: 97,3%

Área de Caatinga Arbórea: 1052 ha

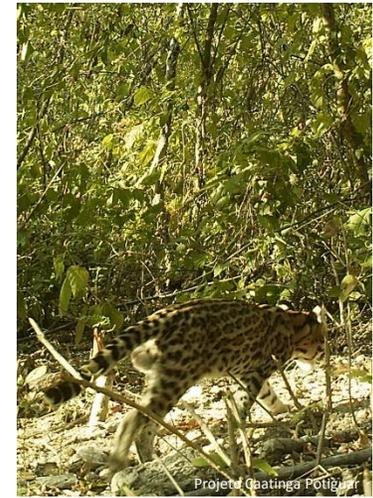
Porcentagem de Caatinga Arbórea: 7,1%

Altitude média (mín — máx): 444 m (243 — 712)

Cerro Corá

Mamíferos

Com sete espécies registradas, incluindo o veado-catingueiro (*Mazama gouazoubira*) e um pequeno felino ameaçado de extinção, o gato-do-mato-pequeno (*Leopardus tigrinus*), nesta área foram obtidos os únicos registros fotográficos da jaguatirica (*Leopardus pardalis*) (foto ao lado). Embora este felino de médio porte tenha saído da lista brasileira de animais ameaçados na última atualização, até meados de 2014 era considerado vulnerável à extinção. Desta forma, os raros registros desta espécie em toda a Caatinga do estado exaltam a importância de Cerro Corá para a conservação dos mamíferos com seus ambientes de encostas de serras e serrotes ainda cobertos por uma caatinga relativamente contínua e conservada. Além do mais, embora não registrados através das armadilhas fotográficas, relatos concretos da ocorrência de outras espécies como o gato-mourisco (*Puma yagouaroundi*), também ameaçado de extinção, o tamanduá-mirim (*Tamandua tetradactyla*) e o tatu-galinha (*Dasypus novencinctus*) reforçam ainda mais a relevância desta região.



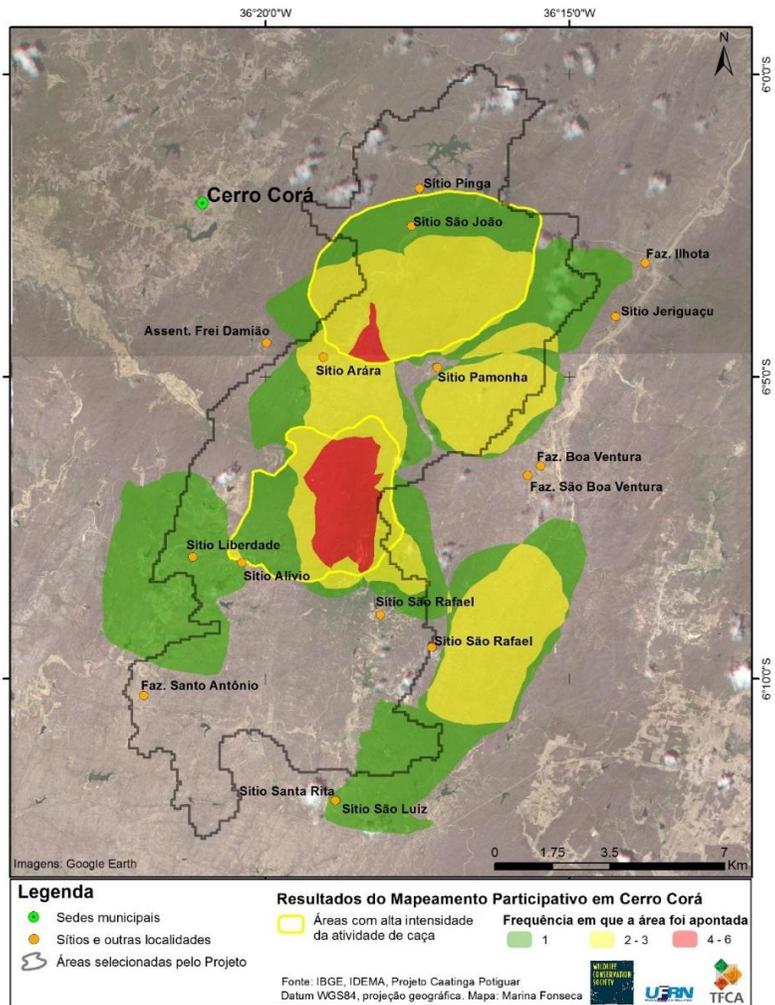
Aves

Com 89 espécies de aves registradas, a região de Cerro Corá abriga espécies de interesse para conservação como a jacucaca (*Penelope jacucaca*), uma ave ameaçada de extinção e endêmica da Caatinga. Além disso, os remanescentes de Caatinga arbórea e bem conservada dessa região são os únicos locais até o momento de ocorrência das populações da maracanã verdadeira (*Primolius maracana*) (foto ao lado) no Rio Grande do Norte, e um dos poucos locais de ocorrência de populações do papagaio verdadeiro (*Amazona aestiva*). Esses dois psitacídeos provavelmente no passado tinham uma distribuição mais ampla pela Caatinga do estado. Entretanto, devido, sobretudo, à captura ilegal e perda de habitat, as populações dessas duas espécies encontram-se restritas aos remanescentes de Caatinga arbórea que se estendem de Cerro Corá até a região de Lajes. Dessa forma, a região de Cerro Corá é uma das áreas mais importantes para conservação da avifauna da Caatinga potiguar.

Lagartos

Para esta região foram registradas um total de oito espécies de lagarto, das quais estão inclusas as de ampla distribuição espacial (*Tropidurus semitaeniatus*, *Tropidurus hispidus*, *Gymnodactylus geckoides* e *Cnemidophorus ocellifer*) comuns em quase todas as áreas amostradas, bem como no próprio bioma Caatinga como um todo. Nesta área também foram registradas o Tijibu/Bico Doce (*Ameiva ameiva*) e pelo Teju/Teiú (*Tupinambis merianae*) (foto ao lado). O Teju é um dos lagartos mais conhecidos e lembrados pelos moradores das regiões locais. Muito disso se deve ao fato de ser um animal caçado para consumo e também por estar sempre em constante conflito com os sertanejos por “roubar” ovos e comer pintos das criações da população local. A lagartixa da Caatinga (*Phyllopezus pollicaris*) também é outra espécie registrada para esta região, visto a grande quantidade de afloramentos rochosos. Ainda, o calango de rabo vermelho (*Vanzosaura multiscutata*) é um lagarto com hábitos fossoriais, ou seja, vive sempre por entre o folhiço ou enterrado no solo principalmente no sopé das árvores e arbustos. É muito incomum pela sua cor vibrante mas devido a seu hábito fossorial é pouco avistado pelos moradores sertanejos.





Mapeamento Participativo

Nessa área 15 moradores foram envolvidos nas 12 entrevistas do mapeamento participativo, quando puderam identificar 17 polígonos para o tema caça. Dentre esses polígonos 13 foram apontados como ricos em espécies de caça, um foi identificado como de riqueza intermediária e os outros três de riqueza baixa. A abundância de fauna foi indicada como alta em oito polígonos, intermediária em dois e baixa em sete. De um modo geral, os moradores reconheceram a área de Cerro Corá com baixa intensidade de atividade de caça, sendo que apenas três polígonos foram identificados com caça mais intensa. Nove polígonos apresentaram uma diminuição da abundância da fauna utilizada como caça nos últimos anos, enquanto oito deles foram reconhecidos pelo aumento no número de indivíduos.

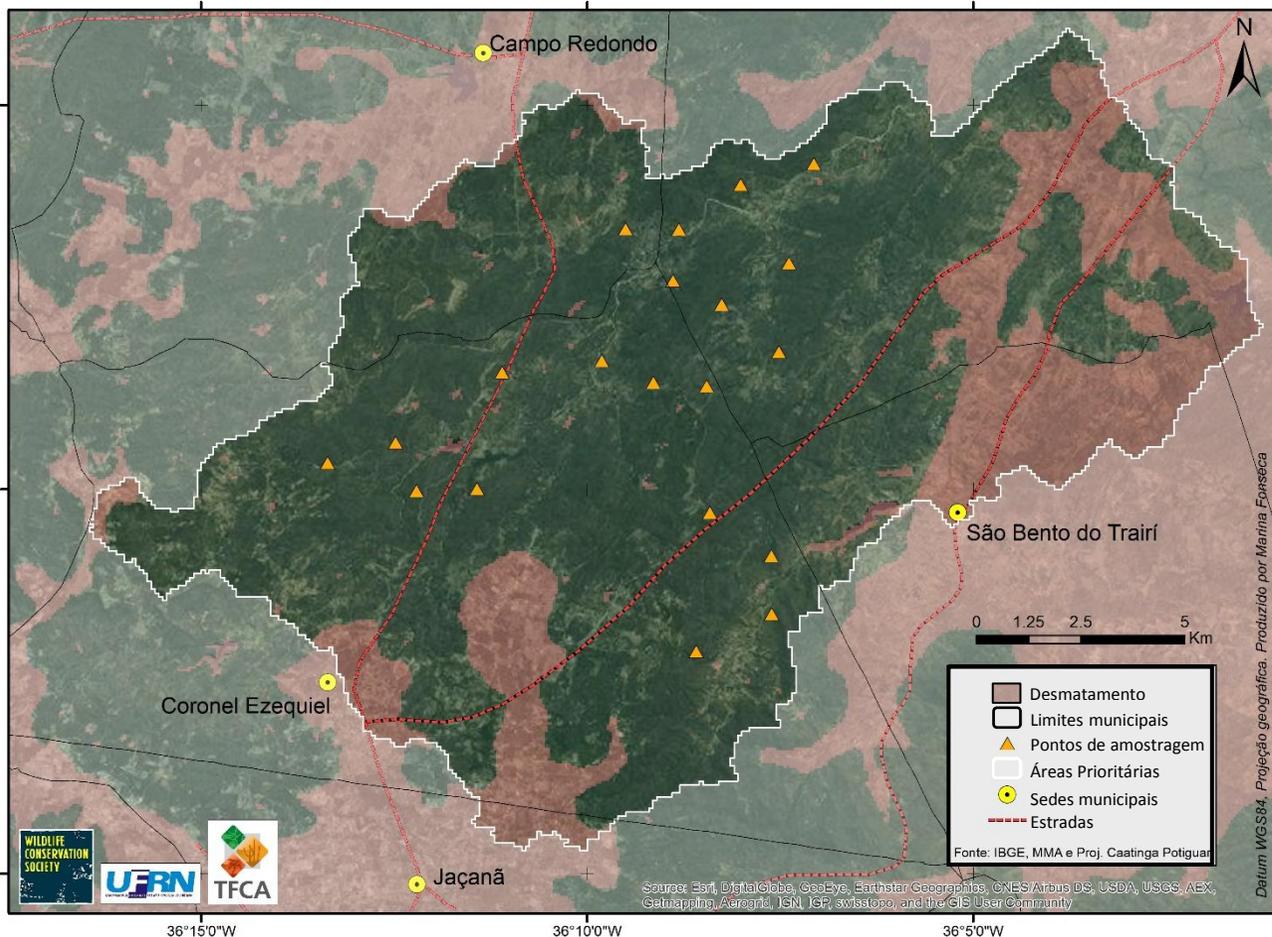
Dentre a fauna cinegética, os moradores apontaram uma redução no número de indivíduos da jaritaca (*Conepatus amazonicus*), do tamanduá-mirim (*Tamandua tetradactyla*) e, de maneira menos acentuada, do veado catingueiro (*Mazama gouazoubira*). Em alguns polígonos a diminuição da fauna foi associada a caça excessiva no passado. Em outros polígonos houve relato de aumentos da fauna cinegética em decorrência da diminuição da caça e do aumento da fiscalização do IBAMA. Entre a fauna apontada como comum na área está o Jacu (*Penelope jacucaca*). O mapa ao lado traz as áreas com maior intensidade de caça em Cerro Corá e o número de vezes que uma determinada região foi indicada no mapa pelos moradores. Essa última informação pode fornecer uma indicação indireta da importância relativa da área para o tema caça. O mapa também mostra as localidades visitadas e/ou mapeadas durante o trabalho de campo em Cerro Corá.

Caracterização socioecológica

Em Cerro Corá, assim como em Lajes, existem muitas áreas de fazenda, onde os moradores não são os donos das propriedades e as comunidades são muito distantes entre si. De todas as áreas estudadas, esse polígono é o que apresenta uma maior frequência de utilização de fogões que funcionam à base de recursos vegetais, como lenha e carvão, superando até mesmo o uso de fogões a gás. As pessoas desenvolvem poucas atividades geradoras de renda neste polígono, sendo que a agricultura é a principal atividade, que é desenvolvida por toda a população (100%).

Dentre as áreas estudadas, Cerro Corá é a terceira onde mais se utilizam os recursos naturais animais e vegetais da Caatinga. O uso das plantas é o mais frequente e as pessoas dependem mais deste recurso, principalmente para a medicina popular, a construção das casas e combustível para cozinhar os alimentos.





Caracterização Geral

Esta área está localizada no Planalto da Borborema na região denominada de Serra do Doutor, na região do Trairi, onde nasce o rio de mesmo nome. Ao final do seu percurso o Trairi deságua na famosa Lagoa de Guarairás, no município de Tibau do Sul. Esta área prioritária abrange, além de parte do município de Cel. Ezequiel, porções de São Bento do Trairi, Campo Redondo e Santa Cruz. Com um relevo bastante acidentado, nesta área ainda existem porções significativas de vegetação preservada nos seus locais mais íngremes, onde as pessoas tem difícil acesso. Por outro lado, por se tratar de uma região de serra, onde pode ser encontrado um clima mais ameno do que nas baixas altitudes do seu entorno, as porções de vegetação em relevo menos íngreme são excessivamente exploradas e ocupadas, inclusive por assentamentos rurais que existem na região.

Informações gerais

Área Total: 27747,5 ha
 Área de Caatinga: 21965,9 ha
 Porcentagem de Caatinga: 79,2%
 Área de Caatinga Arbórea: 3106,2 ha
 Porcentagem de Caatinga Arbórea: 11,2%
 Altitude média (mín— máx): 392 m (219 — 678)

Coronel Ezequiel

Mamíferos

Em Coronel Ezequiel foram registradas nove espécies de mamíferos, dentre as quais estão o raro gato-mourisco (*Puma yagouaroundi*) (foto maior) e o gato-do-mato-pequeno (*Leopardus tigrinus*) (foto à direita em cima), ambos felinos ameaçados de extinção. Localizada em uma região serrana, esta área possui vegetação remanescente relativamente conservada em encostas de serras e serrotes que dificultam a ocupação humana e assim servem de abrigo para espécies como o veado-catingueiro (*Mazama gouazoubira*), o tatu-galinha (*Dasypus novemcinctus*), a jaritataca (*Conepatus amazonicus*) e o mão-pelada (*Procyon cancrivorus*) (foto à direita abaixo), resultando na considerável integridade da comunidade de mamíferos encontrada na região.



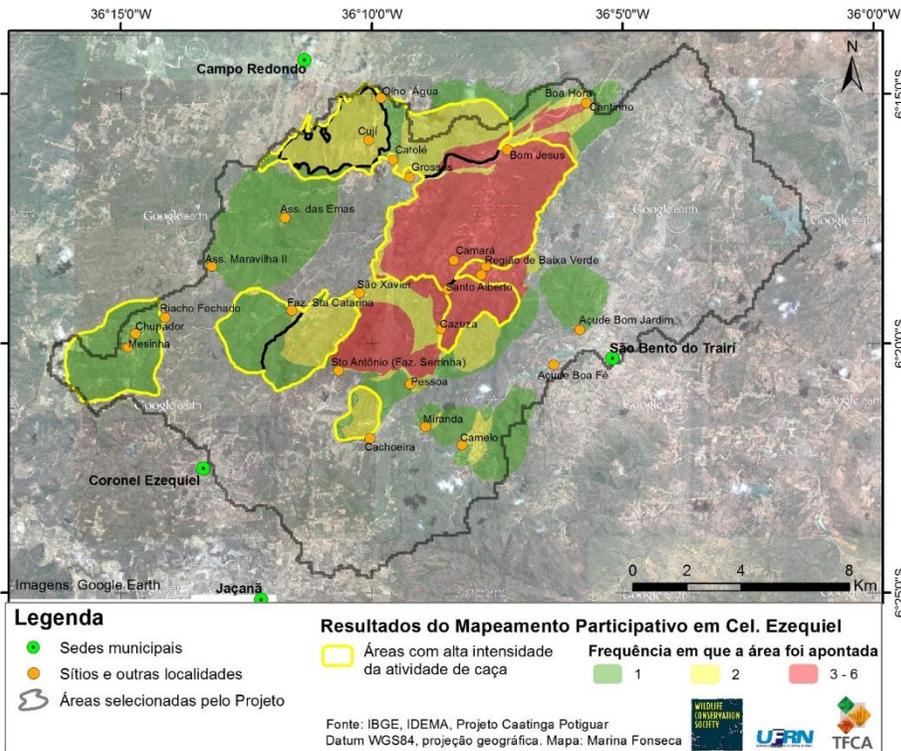
Projeto Caatinga Potiguar



Projeto Caatinga Potiguar



Projeto Caatinga Potiguar



Mapeamento Participativo

Nesta área prioritária foram realizadas 12 entrevistas, envolvendo 26 moradores locais que mapearam 29 polígonos relevantes para a melhor compreensão do tema caça. Durante as atividades de mapeamento participativo os moradores indicaram que, no período de tempo que moram na região, houve um aumento da abundância da fauna cinegética em cinco polígonos delimitados e diminuição em seis dos 29 reconhecidos.

Alguns moradores chamaram a atenção para o desaparecimento de espécies que, segundo eles, antes habitavam a região como o tatu-bola (*Tolypeutes tricinctus*), a onça vermelha (*Puma concolor*) e a maracaná-verdadeira (*Primolius maracana*). Também ressaltaram em vários momentos a dificuldade em encontrar a jaritaca (*Conepatus amazonicus*), o furão (*Galictis cuja*) e do tamanduá-mirim (*Tamandua tetradactyla*).

Em algumas localidades, como nas proximidades do Sítio Feijão, moradores indicaram o aumento da abundância da fauna devido a iniciativa do antigo proprietário em coibir a caça. Houve também uma indicação de aumento na abundância de siriema (*Cariama cristata*) e veado catinguieiro (*Mazama gouazoubira*) na região de Baixa Verde.

O mapa ao lado evidencia as áreas com maior intensidade de caça e o número de vezes que uma determinada região foi indicada por um morador. Essa última informação pode fornecer uma indicação indireta da importância relativa da área para o tema caça. O mapa também mostra as localidades visitadas e/ou mapeadas durante o trabalho de campo.

Caracterização socioecológica

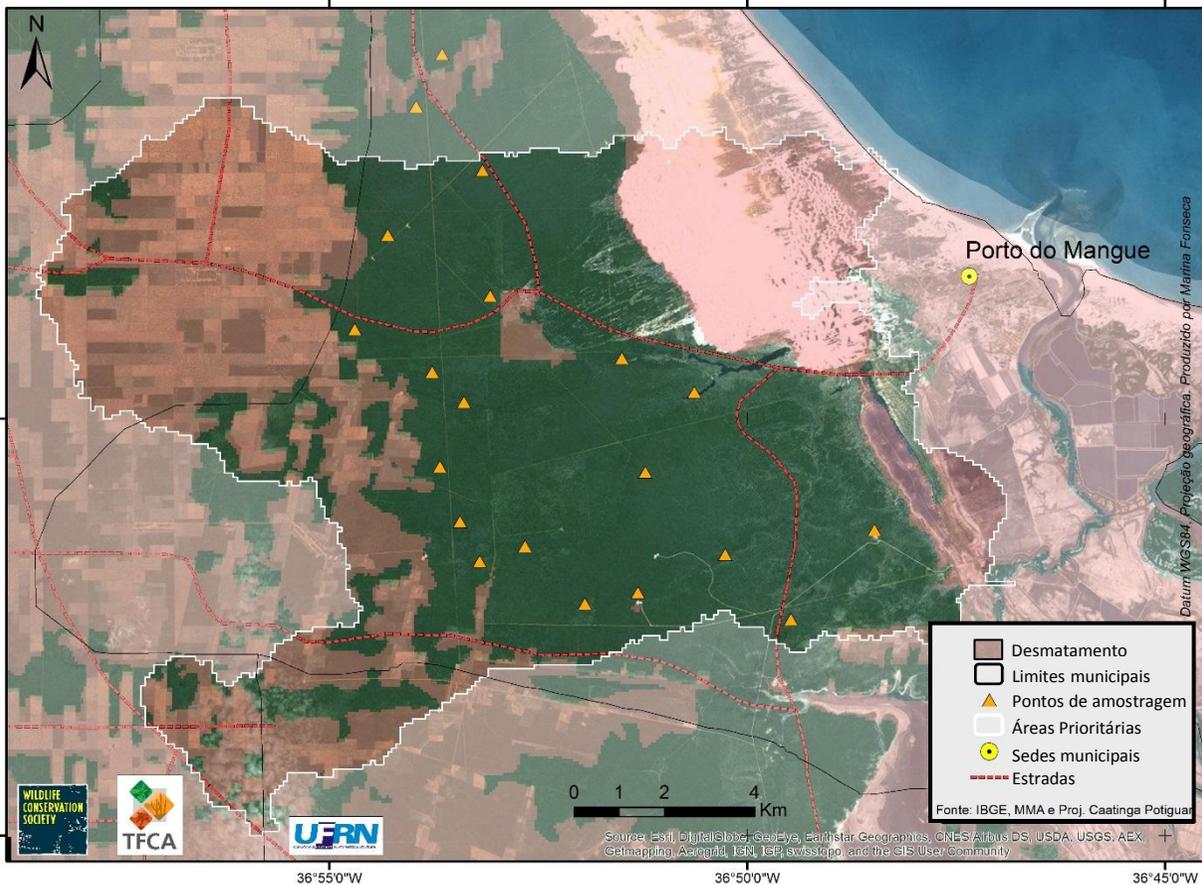
As comunidades estudadas neste polígono são, em geral, diferentes entre si. Algumas estão situadas em áreas mais urbanizadas e outras estão mais afastadas dos centros urbanos. De maneira geral, o polígono Coronel Ezequiel não se destaca dos demais com relação às atividades desenvolvidas pelos moradores locais, predominando a agricultura e o cuidado com a casa. No entanto, neste polígono existe a maior porcentagem de pessoas que não geram renda e a maior quantidade de pessoas que gostariam de se profissionalizar.

Quanto ao uso da Caatinga, nesta área as pessoas usam a maior quantidade de plantas (40) e animais (25) quando comparados com os outros polígonos. Os recursos naturais são usados principalmente como fonte de combustível (lenha e carvão), como remédio da medicina popular, para fins de alimentação e construção.

Coronel Ezequiel é o segundo polígono onde as famílias mais dependem da Caatinga para sua sobrevivência, perdendo apenas para Lajes.

Caracterização Geral

Esta área localiza-se quase que integralmente dentro do município Porto do Mangue, mas pequenas porções também se encontram nos municípios Serra do Mel e Carnaubais. De forma semelhante a Caiçara, esta área apresenta ambientes bastante particulares representados por uma caatinga litorânea. As dunas e falésias que compõem porções dessa área são belíssimas e elevam o potencial turístico da área. Reconhecendo os atributos paisagísticos dessa área, existe um processo de criação de uma Área de Proteção Ambiental (APA Dunas do Rosado) com 16.593,76 hectares, cobrindo os municípios de Areia Branca e Porto do Mangue. Contudo a grande importância fitofisionômica dessa região não é abarcada no planejamento de criação dessa unidade de conservação. Igualmente às demais áreas litorâneas do RN, esta região possui uma das maiores pressões de desmatamento em decorrência da ocupação por atividades antrópicas, tais como assentamentos rurais e parques eólicos, além da fruticultura irrigada praticada principalmente na porção que pertence ao município de Serra do Mel. É importante destacar a existência de um projeto de um grande porto para uma área adjacente, ressaltando a urgência da implantação de uma UC como forma de compensação.



Informações gerais

Área Total: 20052,6 ha

Área de Caatinga: 11226,8 ha

Porcentagem de Caatinga: 56%

Área de Caatinga Arbórea: 138 ha

Porcentagem de Caatinga Arbórea: 0,7%

Altitude média (mín — máx): 83 m (0 — 220)

Dunas do Rosado



Mamíferos

Dunas do Rosado apresentou sete espécies registradas de mamíferos, dentre elas o tamanduá-mirim (*Tamandua tetradactyla*) foto abaixo), o veado-catingueiro (*Mazama gouazoubira*), a jaritataca (*Conepatus amazonicus*) e gato-do-mato-pequeno (*Leopardus tigrinus*), espécie ameaçada de extinção. Além disto, registrou-se espécies relativamente comuns como o cachorro-do-mato (*Cerdocyon thous*) (foto ao lado acima) tatu-peba (*Euphractus sexcinctus*) (foto ao lado abaixo).

Como Caiçara do Norte, esta área apresenta habitats bastante particulares representados por uma Caatinga litorânea estabelecida em solo arenoso. Como todo o litoral do RN, a região vem sendo alterada por inúmeras atividades antrópicas que aumentam a pressão sobre as populações locais de mamíferos. As baixas abundâncias e riqueza de espécies registrada parece ser resultado destas ameaças.

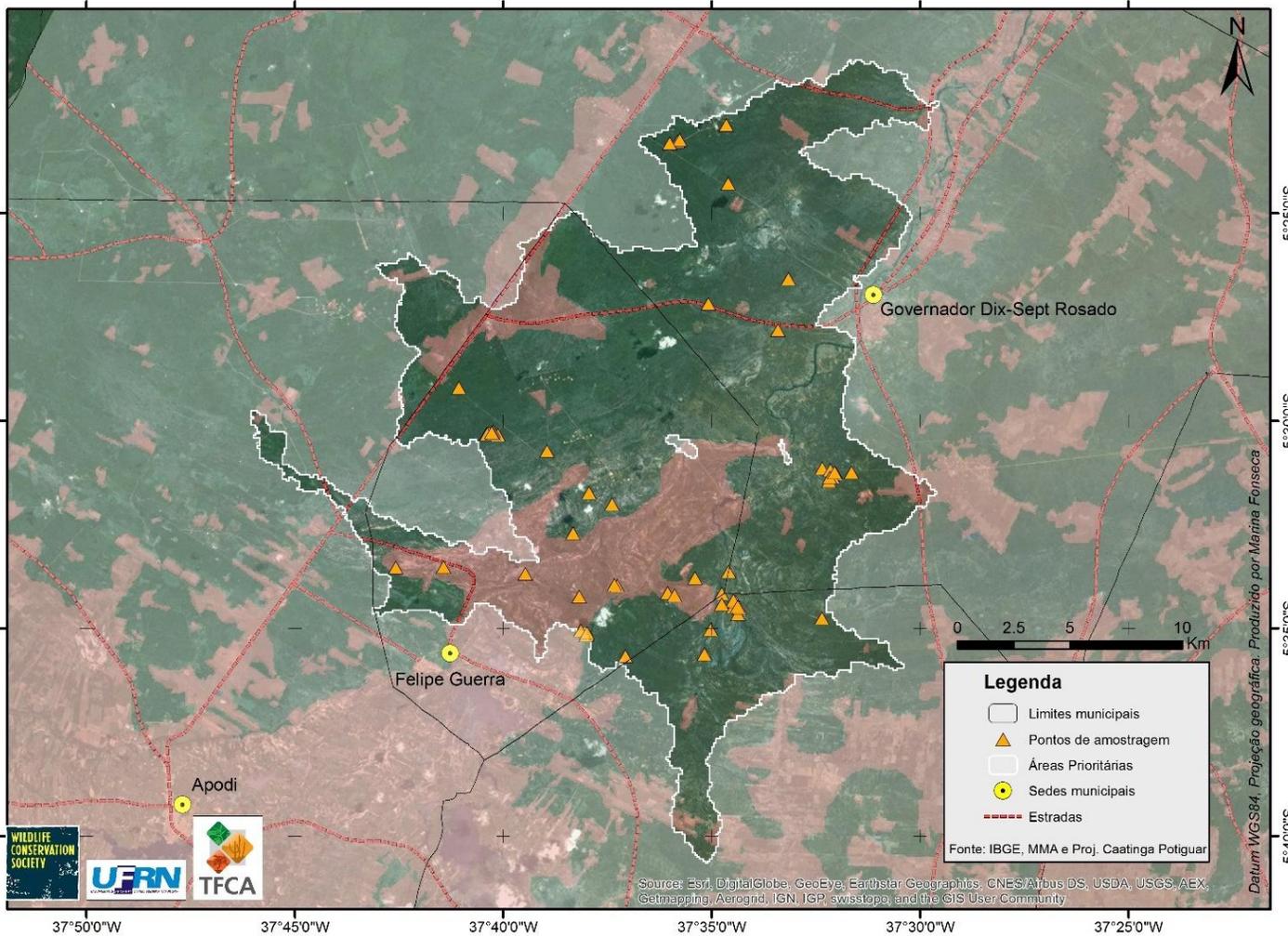


Caracterização Geral

Localizada na região da Chapada do Apodi, a área prioritária de Felipe Guerra abriga os municípios de Felipe Guerra, Apodi, Governador Dix-Sept Rosado e Caraúbas e encontra-se inserida na bacia hidrográfica do rio Apodi-Mossoró. As Caatingas existentes nessa região são típicas de áreas mais baixas e abertas, com vegetação de porte mais baixo, representada pela caatinga arbórea-arbustiva. É uma área de reconhecida importância pela ocorrência de lajedos extensos e presença de uma das maiores densidades de cavernas do RN., sendo uma área vital para a conservação da fauna de morcegos (foto abaixo) e outros organismos associados a caverna. Além disto, o turismo espeleológico desponta como uma atividade promissora para a região. A agricultura, especialmente nas várzeas do rio Apodi-Mossoró, a exploração de petróleo, pecuária e extração de lenha também figuram como importantes atividades econômicas.



Eugenia Schmidt



Informações gerais

Área Total: 43453,6 ha

Área de Caatinga: 34920,3 ha

Porcentagem de Caatinga: 80,4%

Área de Caatinga Arbórea: 104,4 ha

Porcentagem de Caatinga Arbórea: 0,2%

Altitude média (mín—máx): 71 m (21 — 142)

Felipe Guerra

Mamíferos

As manchas de Caatinga associadas às formações de lajedos calcários encontradas nesta área contribuem para a presença de nove espécies de mamíferos registradas, inclusive felinos ameaçados de extinção como o gato-do-mato-pequeno (*Leopardus tigrinus*) e o gato-mourisco (*Puma yagouaroundi*). No entanto, boa parte da vegetação remanescente está alterada em algum grau pela retirada de lenha para fabricação de cal e fragmentada por atividades de exploração de petróleo. Foi registrada ainda uma pequena população isolada de macacos-prego (*Sapajus libidinosus*), único grupo da espécie observado até agora ocupando uma área plana na Caatinga do Rio Grande do Norte. Observou-se também a jaritataca (*Conepatus amazonicus*) e o tamanduá-mirim (*Tamandua tetradactyla*). Por outro lado, o veado-catingueiro (*Mazama gouazoubira*) parece estar extinto localmente, provavelmente como resultado da caça excessiva e perda de habitat.



Aves

Em Felipe Guerra registrou-se 59 espécies de aves. Os remanescentes mais conservados de Caatinga associados aos lajedos calcários também contribuem com a manutenção da comunidade de aves local, mas as inúmeras alterações antrópicas parecem influenciar negativamente a riqueza da avifauna local. Entre as espécies registradas em Felipe Guerra estão a fogo-apagou (*Columbina squammata*), o tico-tico-rei-cinza (*Lanio pileatus*), o periquito-da-caatinga (*Eupsittula cactorum*) e a maria-cavaleira-de-rabo-enferrujado (*Myiarchus tyrannulus*) (foto ao lado).

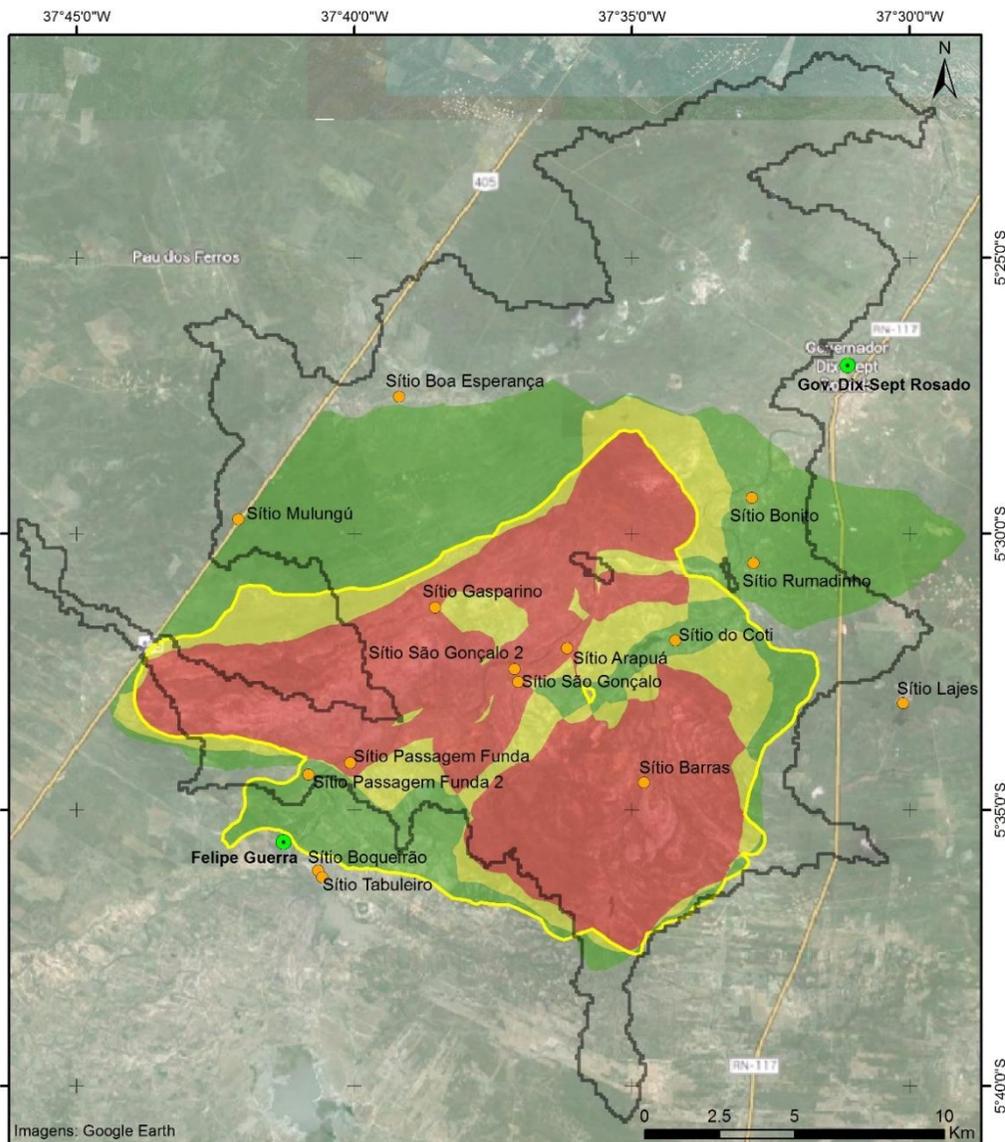
Lagartos

Felipe Guerra abrigou uma riqueza de oito espécies de lagartos, sendo a área que mais apresentou registros únicos. Uma espécie de registro único foi o calango do rabo azul (*Micrablepharus maximiliani*), que apresenta características semelhantes ao calango de rabo vermelho (*Vanzosaura multiscutata*), com hábitos fossoriais e associação com folhço denso sob pé de árvores. Outro registro único foi o lagarto de bromélia (*Mabuya agmosticha*) (foto ao lado), frequentemente associado à bromélia macambira (*Bromelia laciniosa*) que é muito abundante nos lajeiros de Felipe Guerra. Pela grande abundância de afloramentos rochosos, as espécies *Tropidurus semitaeniatus* e *Tropidurus hispidus* foram muito abundantes. Também compuseram a riqueza as espécies *Cnemidophorus ocellifer*, animal de ampla distribuição, *Gymnodactylus geckoides* e *Lygodactylus klugei*.



Mauro Pichorim

Alan Oliveira



Legenda

- Sedes municipais
- Sítios e outras localidades
- Áreas selecionadas pelo Projeto

Resultados do Mapeamento Participativo em Felipe Guerra

- Áreas com alta intensidade da atividade de caça

- Frequência em que a área foi apontada
- 1
 - 2
 - 3 - 5

Fonte: IBGE, IDEMA, Projeto Caatinga Potiguar
Datum WGS84, projeção geográfica. Mapa: Marina Fonseca



Mapeamento Participativo

Dez moradores participaram das 10 entrevistas realizadas para essa área, gerando 10 polígonos de descrição da situação da fauna cinegética. Todas as áreas delimitadas foram descritas como muito diversas no que diz respeito ao número de espécies de caça, no entanto, oito delas foram identificadas como possuidoras de uma baixa abundância dessas espécies.

A intensidade de caça, o barulho gerado por atividades de perfuração da Petrobrás e a seca dos últimos anos foram fatores associados a redução da fauna cinegética nesses oito polígonos. No entanto, na região do sítio Bonito, embora os moradores tenham apontado para uma diminuição dessa fauna, a atuação mais presente do IBAMA foi indicada como um fator de coibição da caça nos últimos anos.

Há relatos nessa área de registro pretérito de porco-do-mato (*Tayassu tacaju*) - na década de 60 e há 15 anos atrás - e de jacu (*Penelope jacucaca*) - há cerca de dois anos. Siriema (*Cariama cristata*), raposinha (*Cerdocyon thous*) e gato-do-mato-pequeno (*Leopardus trigrinus*) foram espécies consideradas comuns na região do Sítio Gasparino.

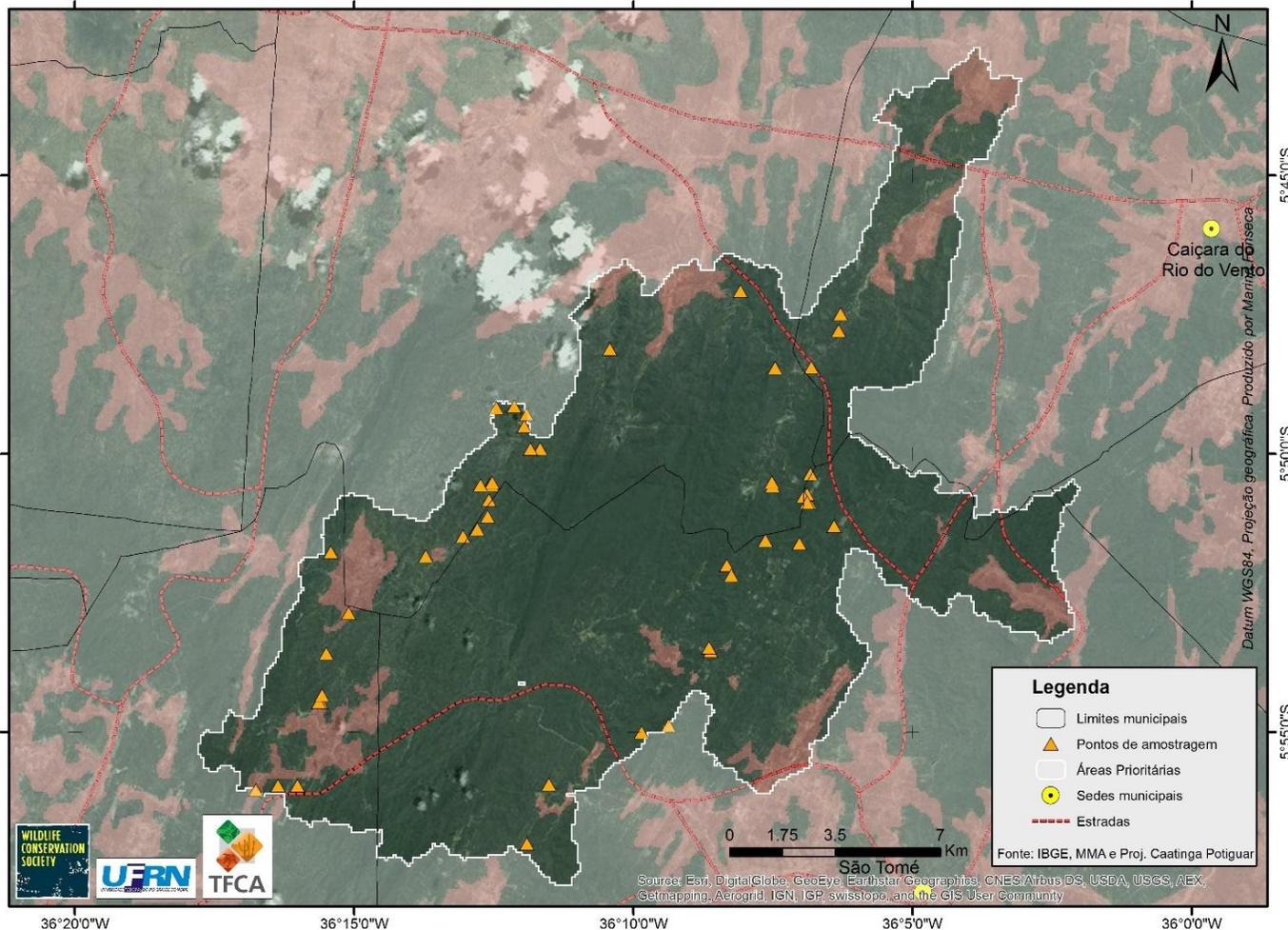
O mapa traz as áreas com maior intensidade de caça em Cerro Corá e o número de vezes que uma determinada região foi indicada no mapa pelos moradores. Essa última informação pode fornecer uma indicação indireta da importância relativa da área para o tema caça. O mapa também mostra as localidades visitadas e/ou mapeadas durante o trabalho de campo em Felipe Guerra.

Caracterização socioecológica

As comunidades estudadas nessa área são maiores e localizam-se próximas às cidades. Felipe Guerra é o local onde menos se utilizam combustíveis vegetais (lenha e carvão) no fogão para cozinhar os alimentos. A maioria das pessoas neste polígono é de agricultores, mas existem muitas outras atividades desenvolvidas pela população para gerar renda, incluindo o serviço público. Aqui também é onde as pessoas recebem a menor média do auxílio Bolsa Família.

Depois de Luís Gomes, Felipe Guerra é o polígono que tem a menor dependência dos recursos naturais da Caatinga. O uso das plantas é devido, principalmente, à medicina local e à construção das residências enquanto os animais da mata são mais utilizados para a alimentação. Nesse polígono também seria possível criar uma área protegida à médio prazo, tomando o cuidado de se respeitar o modo de vida da população.





Caracterização Geral

Esta área prioritária inclui, além de parte do território de Lajes, porções dos municípios de Cerro Corá, Caiçara do Rio do Vento e São Tomé. Localizada na região central do Rio Grande do Norte, no Planalto da Borborema, é uma das áreas de Caatinga mais bem preservada e contínua do Estado, abrigando em seus limites o maior fragmento de vegetação remanescente, com cerca de 53 mil hectares. A vegetação é reconhecida por apresentar uma alta abundância de facheiro (*Pilosocereus pachycladus*), uma espécie de cacto endêmica do Nordeste do Brasil. É uma região reconhecida por sua importância para a exploração mineral e para a instalação de usinas geradoras de energia eólica. Nos levantamentos realizados pelo Projeto, Lajes se mostrou como uma das áreas mais importantes para implementação de ações de conservação na Caatinga potiguar.



Informações gerais

Área Total: 32716,7 ha
 Área de Caatinga: 29512,1 ha
 Porcentagem de Caatinga: 90,2%
 Área de Caatinga Arbórea: 3356,3 ha
 Porcentagem de Caatinga Arbórea: 10,3%
 Altitude média (mín — máx): 337 m (159 — 571)

LAJES

Mamíferos

Com a maior riqueza de espécies de mamíferos encontrada (10 espécies) dentre áreas amostradas, esta área apresentou o único registro de furão (*Galictis cuja*) feito pelo Projeto Caatinga Potiguar e a maior abundância relativa do veado-catingueiro (*Mazama gouazoubira*). O gato-do-mato-pequeno (*Leopardus tigrinus*), registrado na área, está ameaçada de extinção. No entanto, relatos de animais abatidos e atropelados recentemente indicam a ocorrência de pelo menos mais duas espécies de felinos não registrados através de armadilhas fotográficas, a jaguatirica (*Leopardus pardalis*) e o gato-mourisco (*Puma yagouaroundi*), este último também ameaçado de extinção. Moradores locais também relatam o avistamento recente de vestígios de onça-parda (*Puma concolor*) na mesma. Embora não tenham sido obtidos registros fotográficos desta espécie, a sua ocorrência na área não pode ser descartada, dada a considerável integridade da comunidade de mamíferos e a existência de diferentes ambientes (serras, encostas, vales e sertões) com vegetação conservada e contínua que pode abrigar uma rica biodiversidade.



Eugenia Schmidt



Projeto Caatinga Potiguar

Aves

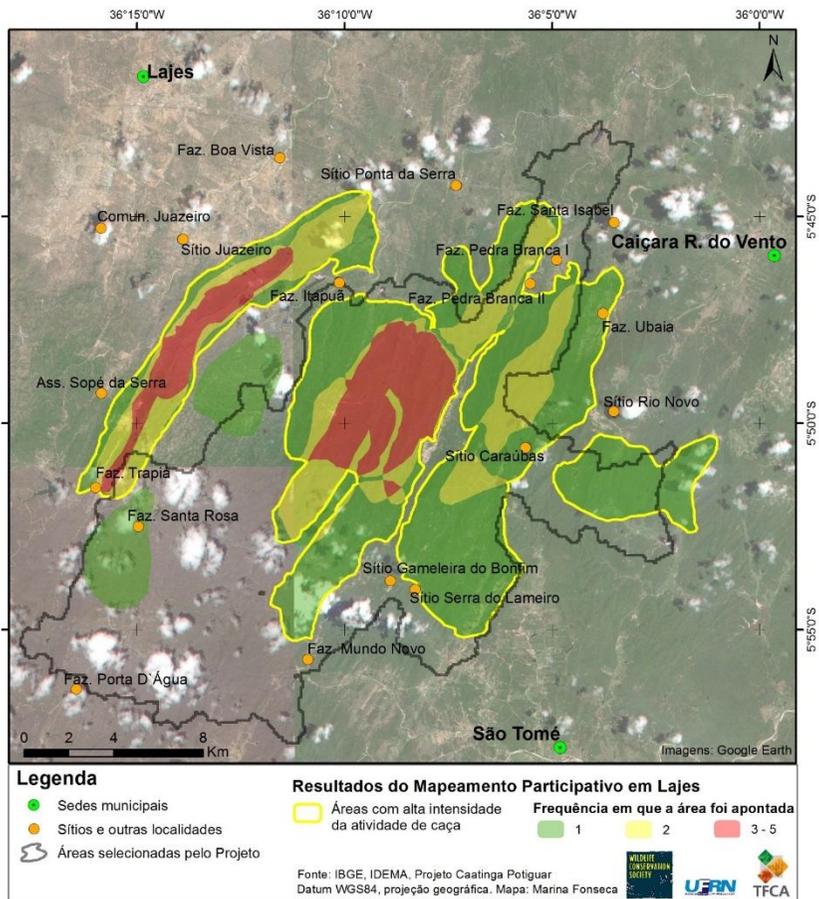
A região de Lajes apresentou a terceira maior riqueza de espécies de aves registradas durante o levantamento (86 espécies). Nesta área foi registrada a jacucaca (*Penelope jacucaca*), espécie endêmica da Caatinga e considerada ameaçada pela lista brasileira de animais ameaçados de extinção (foto ao lado). Também foi registrado o papagaio verdadeiro (*Amazona aestiva*), espécie de ocorrência rara nas áreas de Caatinga do Rio Grande do Norte. Vale ressaltar que as regiões de Lajes e Cerro Corá, as quais formam um contínuo de vegetação conservada, são os únicos locais até o momento na Caatinga potiguar de ocorrência do papagaio verdadeiro, o que reforça ainda mais a importância da conservação dessas áreas. Moradores locais também relataram a ocorrência da maracanã verdadeira (*Primolius maracana*), outro grande psitacídeo de ocorrência rara na região.

Lagartos

Em Lajes, sete espécies compuseram a riqueza de espécie de lagartos da região. Assim como em quase todas as áreas, estão presentes em Lages espécies de ampla distribuição, como a lagartixa (*Tropidurus hispidus*), o calango (*Cnemidophorus ocellifer*) e a lagartixa de lajeiro (*Tropidurus semitaeniatus*). A área contínua de Caatinga com uma boa densidade dos elementos arbóreos, possibilita a ocorrência do lagarto de folhiço (*Coleodactylus meridionalis*). Em Lages ocorreram também espécies associadas à afloramentos rochosos, como as lagartixas da Caatinga (*Phyllopezus periosus* e *Phyllopezus pollicaris*), assim como espécies com hábitos mais arborícolas, como a lambioia (*Ligodactylus klugei*).



Eugenia Schmidt



Mapeamento Participativo

A Área Prioritária de Lajes envolve quatro municípios, Caçara do Rio dos Ventos, Cerro Corá, São Tomé e Laje. Ao todo 17 polígonos foram delimitados nesta área em 12 entrevistas que envolveram 13 moradores locais. A riqueza de espécies cinegéticas e a abundância de indivíduos foram consideradas altas para a maioria dos polígonos delimitados. No entanto, foi relatada a diminuição em abundância dessa fauna em 12 dos 17 polígonos. Segundo os moradores, essa diminuição está associada ao aumento da atividade de caça, mas sobretudo, a seca imposta nos últimos anos. De fato, a intensidade da atividade de caça também foi indicada como alta na maioria dos polígonos (em 14 deles).

Os entrevistados mencionaram que no sítio Serra do Lameiro e na Fazenda Mundo Novo, os proprietários proíbem a atividade de caça, no entanto algumas espécies ainda apresentam diminuição em sua abundância, como o preá (*Galea spixii*).

O mapa ao lado apresenta as áreas com maior intensidade de caça e o número de vezes que uma determinada região foi indicada pelos moradores. Essa última informação pode fornecer uma indicação indireta da importância relativa da área para o tema caça. O mapa também mostra as localidades visitadas e/ou mapeadas durante o trabalho de campo em Lajes.

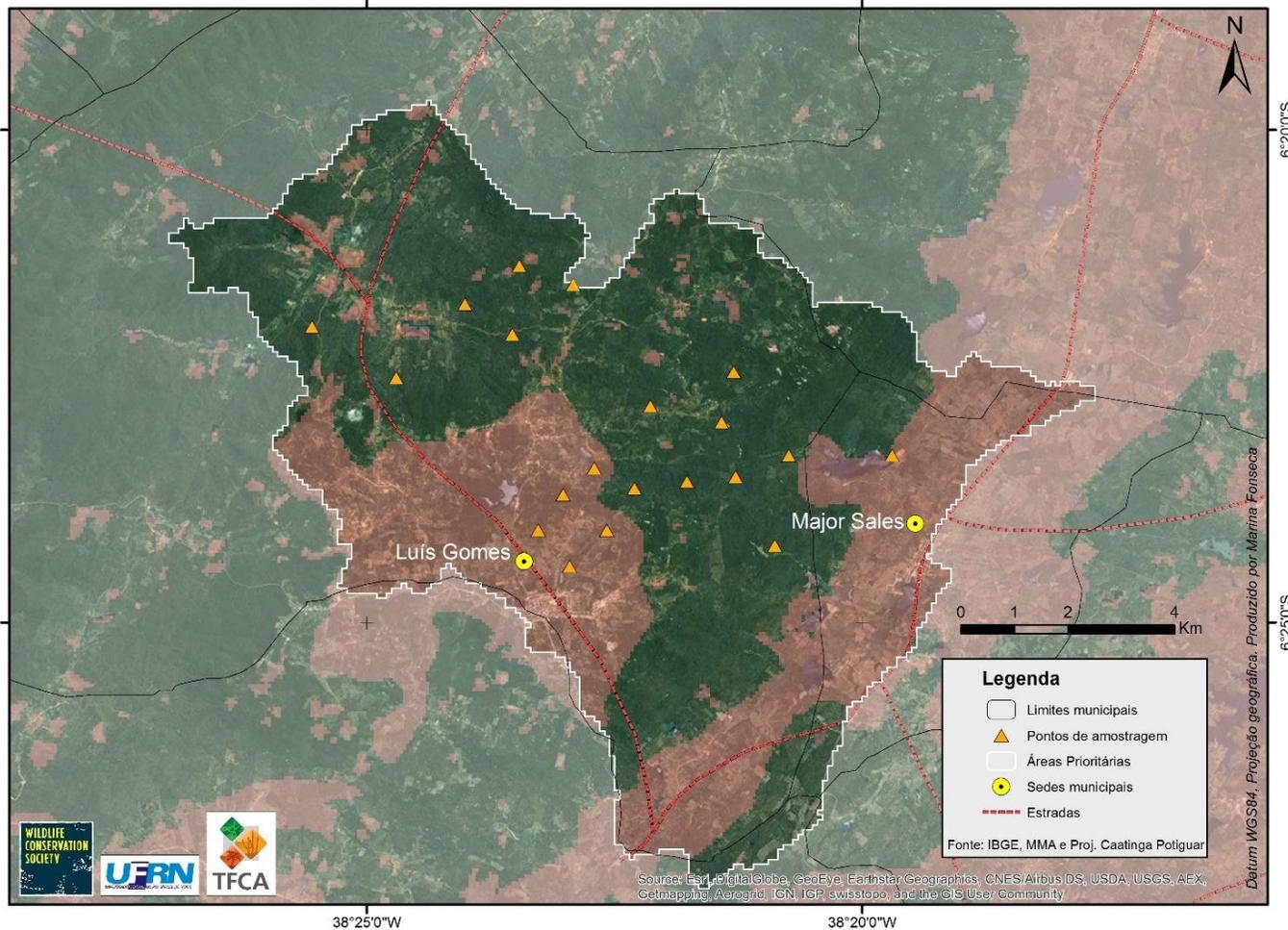
Caracterização socioecológica

Em Lajes, as comunidades humanas estão afastadas entre si. A maioria das propriedades são fazendas, onde os residentes cuidam do local em troca de moradia. Existe uma média de cerca seis pessoas morando nas casas (88% feitas de alvenaria). A agricultura, a produção de carvão e o cuidado com o lar são as atividades mais frequentemente realizadas nas comunidades desse polígono. O uso dos recursos naturais da Caatinga como fonte de energia combustível para cozinhar os alimentos (lenha e carvão) é bastante expressivo (79,4%) quando comparamos com o uso dos fogões a gás (97%) nas residências. Além disso, Lajes é o segunda área estudada que mais utiliza os recursos naturais da Caatinga e o que mais utiliza espécies de plantas como remédio popular e animais da caça para alimentação das pessoas.

Dentre os polígonos estudados, Lajes é o que possui a maior dependência da utilização dos recursos naturais da Caatinga. De acordo com a maioria dos entrevistados, para uma área de mata nesse lugar ser protegida, as

pessoas das comunidades devem participar do processo de criação da unidade de conservação e também devem ser feitas atividades socioeconômicas de recreação e turismo na área.





Caracterização Geral

A área prioritária de Luís Gomes é representada por porções dos municípios de Luís Gomes, Major Sales e José Penha, fazendo divisa com o estado da Paraíba, além de estar muito próxima da divisa com o Ceará. Esta área faz parte da cabeceira do rio Apodi-Mossoró, o qual fornece água para importantes barragens, como a de Santa Cruz - a segunda maior do estado - que fornece recursos hídricos para a manutenção da agricultura irrigada praticada na Chapada do Apodi. A Serra de São José que corta toda a extensão desta área consiste no ponto mais elevado do estado, com aproximadamente 800 m de altitude. A cobertura vegetal desta área, representada por uma caatinga arbórea densa relativamente bem preservada, está conectada a outros importantes remanescentes nos estados da Paraíba e Ceará, os quais parecem servir de fonte de indivíduos para a fauna encontrada na região de Luís Gomes. Contudo, a ocupação desordenada associada à retirada de lenha e posterior queima do restante da vegetação para a criação de roçados tem alterado significativamente os habitats desta região.



Daniel Mello

Informações gerais

Área Total: 11517,6 ha

Área de Caatinga: 7032,5 ha

Porcentagem de Caatinga: 61,1%

Área de Caatinga Arbórea: 1305,7 ha

Porcentagem de Caatinga Arbórea: 11,3%

Altitude média (mín — máx): 450 m (277 — 704)

LUIS GOMES

Mamíferos

Luis Gomes foi a única área prioritária na qual foi realizado um registro fotográfico da onça-parda (*Puma concolor*), espécie com status de vulnerável no Brasil (foto acima à esquerda). Nesta área registrou-se um elevado número de espécies (nove espécies), incluindo o ameaçado gato-do-mato-pequeno (*Leopardus tigrinus*) (foto acima à direita). O número de registros de veado-catingueiro (*Mazama gouzoubira*) (foto abaixo à esquerda) também foi alto, talvez ajudando a explicar a presença da onça-parda que é seu predador. A presença de macacos-prego (*Sapajus libidinosus*) também indica uma certa continuidade do extrato arbóreo. Além disto, Luis Gomes abriga também espécies comuns em muitas áreas como o cachorro-do-mato (*Cerdocyon thous*) (foto abaixo à direita) e o gambá-de-orelha-branca (*Didelphis albiventris*). Esta fauna rica de mamíferos pode ser em parte explicada pela presença na região de ambientes conservados para servir de refugio, como os vales íngremes e as encostas da Serra de São José.



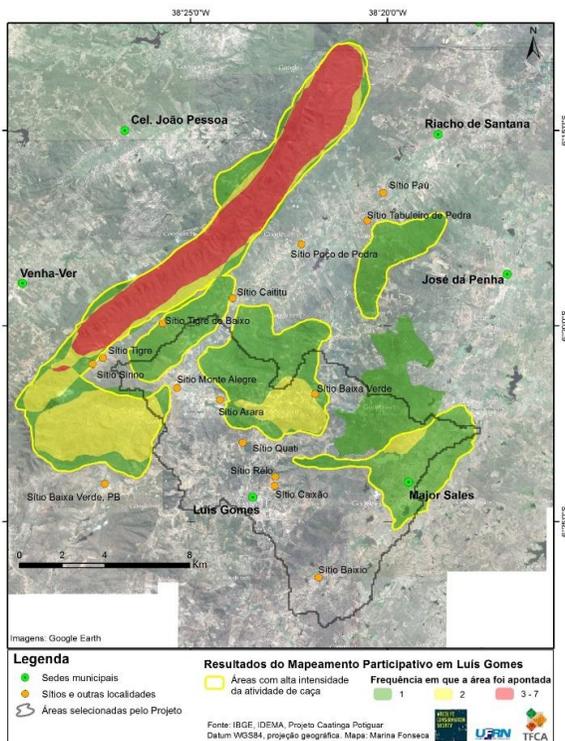
Mapeamento Participativo

As 12 entrevistas realizadas durante o mapeamento participativo envolveram 16 pessoas e a identificação de 15 polígonos de interesse para a caça. Em todos os 15 polígonos a riqueza de espécies foi identificada como alta, mas a abundância só foi representada como alta em cinco polígonos. Nos demais, a quantidade de indivíduos das espécies foi reconhecida como intermediária (em três polígonos) e baixa (em sete). A abundância foi apontada como decrescente ao longo dos últimos anos, com indicação

de diminuição em 11 dos 15 polígonos delineados para Luís Gomes. A caça, a seca e a utilização de agrotóxicos na agricultura foram apontados como principais responsáveis pela diminuição da caça. A intensidade da caça foi reconhecida como alta em 11 dos 15 polígonos.

Entre as espécies que sofrem maiores reduções em abundância estão a juruti, arribaçã, mocó, tamanduá e porco-do-mato. Para essa última espécie os relatos são controversos. Com relação a presença de onça-parda (*Puma concolor*), entrevistados indicaram que a área de Luís Gomes é utilizada como passagem por esses animais.

O mapa traz as áreas com maior intensidade de caça em Luís Gomes e o número de vezes que uma determinada região foi indicada no mapa pelos moradores. Essa última informação fornece uma indicação indireta da importância relativa da área para o tema caça. O mapa também mostra as localidades visitadas e/ou mapeadas no trabalho de campo em Luís Gomes.



Caracterização socioecológica

Em Luís Gomes, as comunidades estão distribuídas muito próximas umas das outras e existe um rápido acesso aos centros urbanos. Foi a área com o maior número de entrevistados na pesquisa. A população utiliza como fonte de combustível doméstico, principalmente, o gás de cozinha. O uso dos combustíveis vegetais (lenha e carvão) já não é tão forte nessa área. A agricultura e o cuidado com o lar são as atividades mais frequentes, mas Luís Gomes, assim como Felipe Guerra, apresenta a maior quantidade de atividades alternativas para geração de renda (seis).

De todos os polígonos, Luís Gomes foi considerado aquele em que as pessoas dependem menos dos recursos da Caatinga. Aqui, as pessoas também aceitaram melhor a criação de unidades de conservação para proteger o meio ambiente da Caatinga.

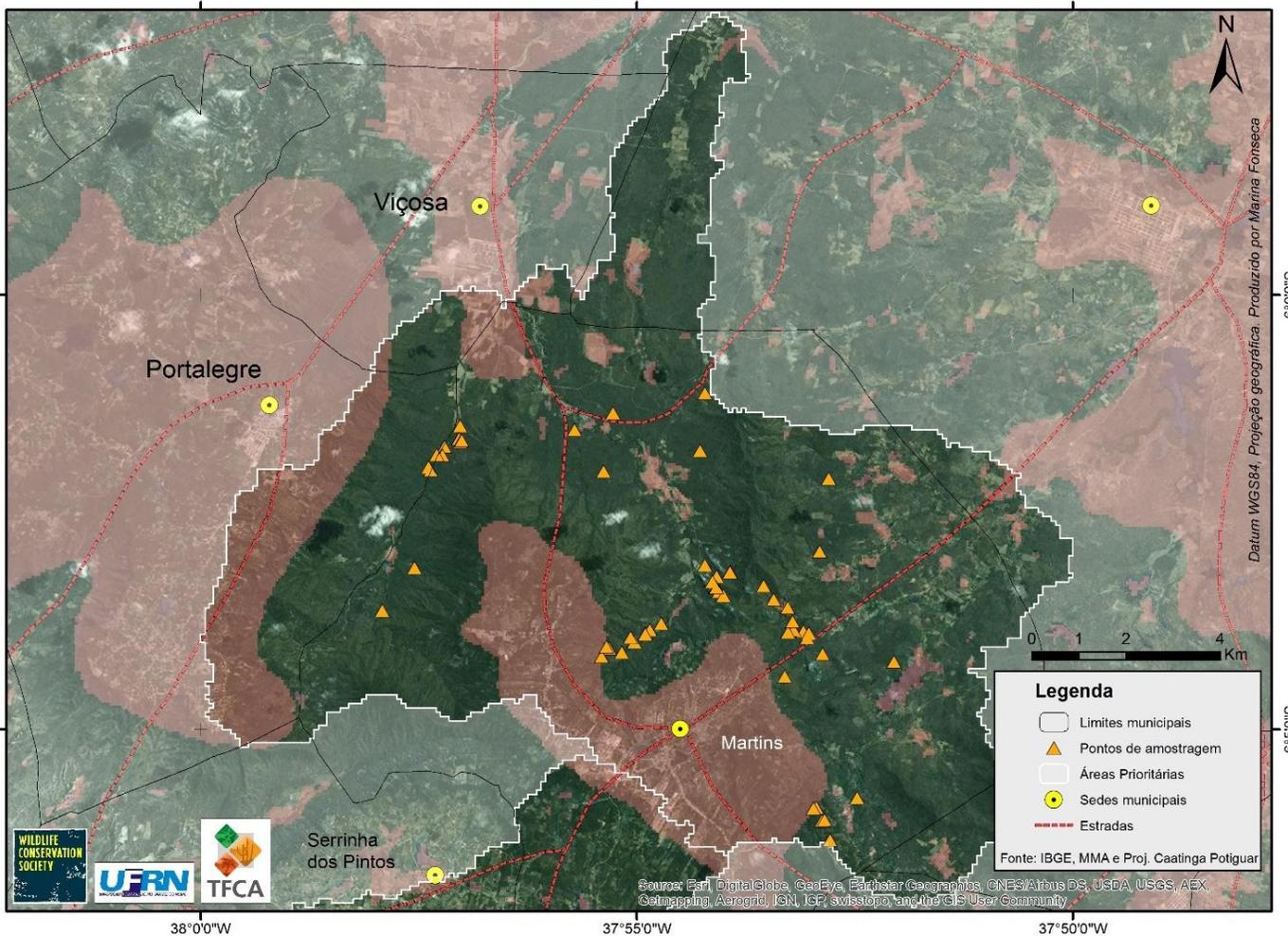


Caracterização Geral

Esta área está inserida quase que totalmente dentro do município de Martins, mas também possui porções em Portalegre e Umarizal. Os ambientes de caatinga arbórea relativamente bem conservada nas encostas da Serra de Martins, onde o relevo impossibilita a ocupação, e no entorno das formações rochosas da caverna conhecida como Casa de Pedra, constituem ambientes importantes para a conservação da Caatinga e de considerável beleza cênica, por isso existe uma unidade de conservação em processo de criação nesta região, o Monumento Natural das Cavernas de Martins com cerca de 1449,26 hectares. O turismo consiste em uma importante mola econômica nesta área, em especial o turismo ecológico, com projeções de crescimento acentuado para o futuro.



Daniel Mello



Informações gerais

Área Total: 15800,3 ha

Área de Caatinga: 11618,2 ha

Porcentagem de Caatinga: 73,5%

Área de Caatinga Arbórea: 5875,9 ha

Porcentagem de Caatinga Arbórea: 37,2%

Altitude média (mín — máx): 382 m (175 — 744)

MARTINS

Mamíferos

Com oito espécies de mamíferos, em Martins foi encontrada uma das maiores abundâncias registradas de veado-catingueiro (*Mazama gouazoubira*) e do gato-do-mato-pequeno (*Leopardus tigrinus*, espécie ameaçada de extinção). Além disso, nesta área existe uma população de macacos-prego (*Sapajus libidinosus*) que merece atenção. Os ambientes de caatinga arbórea relativamente conservados nas encostas da Serra de Martins e no entorno das formações rochosas da Casa de Pedra constituem habitats importantes para a manutenção dos mamíferos encontrados nesta área, como o mão-pelada (*Procyon cancrivorus*) e o mocó (*Kerodon rupestris*) (foto ao lado). Contudo, a elevada pressão de caça identificada através de relatos de moradores ameaça diretamente os animais da região, o que pode explicar a ausência de registros de espécies como o tamanduá-mirim (*Tamandua tetradctyla*).



Daniel Mello

Aves

Nesta área foram registradas 71 espécies de aves durante o levantamento. Os registros mais relevantes para a região incluem a ocorrência de espécies pouco conhecidas para a Caatinga potiguar, como o chorozinho-de-chapéu-preto (*Herpsilochmus atricapillus*), o enferrujado (*Lathrotriccus euleri*) e a maria-preta-de-garganta-vermelha (*Knipolegus nigerrimus*). Essas espécies foram registradas nos remanescentes de caatinga arbórea alta e relativamente conservados ao longo das encostas e dos rios, e também no entorno de formações rochosas, no caso de *Knipolegus nigerrimus*. Nesse sentido, as áreas de Caatinga arbórea alta constituem habitats de grande importância para manutenção da avifauna local, sobretudo para as espécies que possuem uma maior dependência desse tipo de ambiente como é o caso, por exemplo, do chorozinho-de-chapéu-preto (*Herpsilochmus atricapillus*), o enferrujado (*Lathrotriccus euleri*), do inhambu-chintã (*Crypturellus tataupa*) e da saíra-de-chapéu-preto (*Nemosia pileata*) (foto ao lado).



Mauro Pichorim

Lagartos

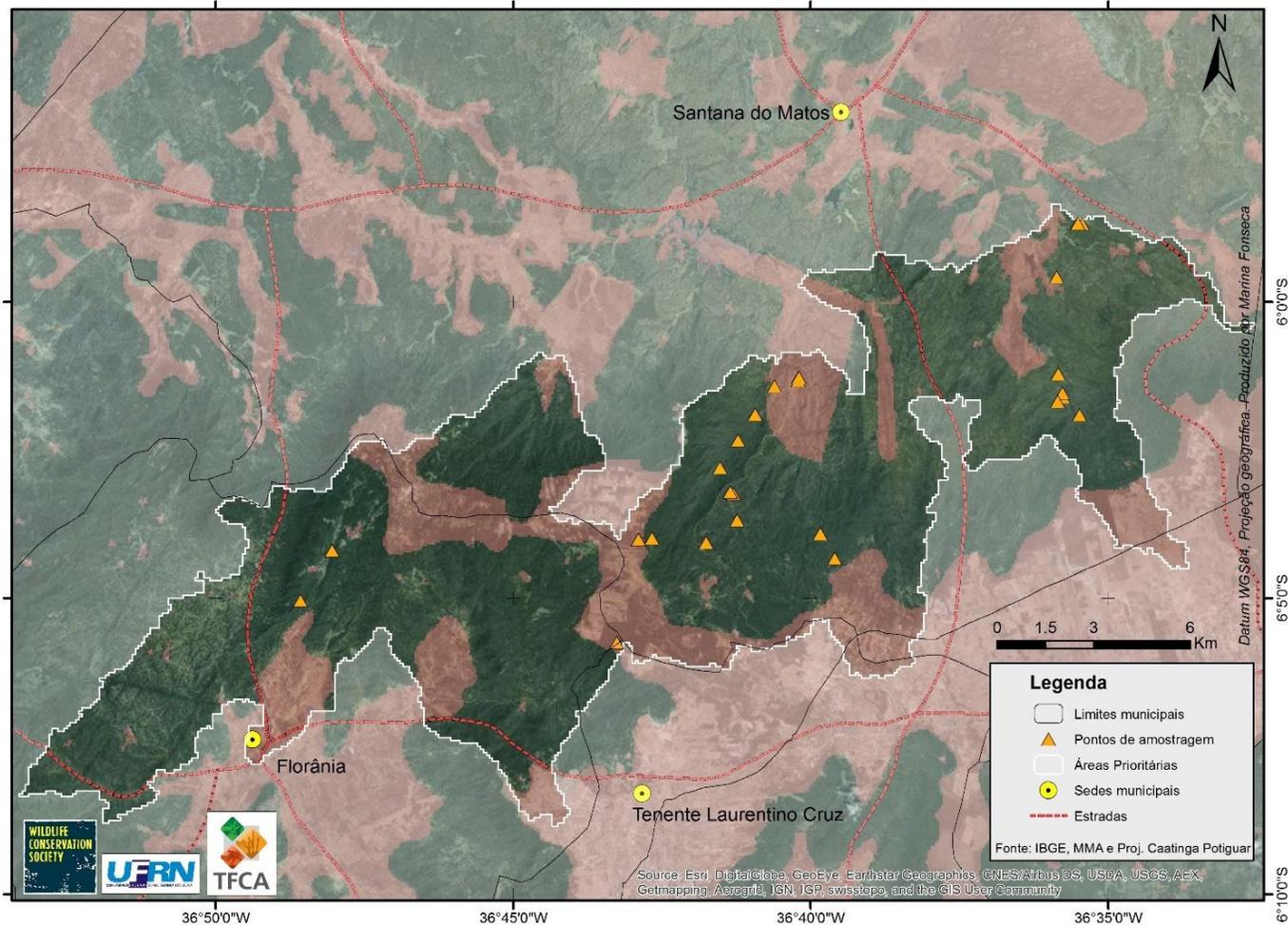
Martins é a área com a maior riqueza registrada entre todas as sete áreas amostradas. Com um total de 11 espécies de lagartos, esta área se destaca pela sua região complexa topograficamente com muitos elementos de relevo como, por exemplo, a serra de Martins, áreas de vale no pé da serra e o sertão (área baixa). A área tem uma heterogeneidade que propicia o registro de várias espécies, sejam elas as de distribuição ampla (*Tropidurus hispidus*, *Tropidurus semitaeniatus*, *Gymnodactylus geckoides* e *Cnemidophorus ocellifer*), como também espécies que exigem um maior grau de conservação da Caatinga arbórea, como o Lagarto de folhiço (*Coleodactylus meridionalis*). Compondo a riqueza de espécies de lagartos em Martins estão também registradas a Lagartixa da Caatinga (*Phyllopezus pollicaris*), a lambioia (*Lygodactylus klugei*), os Teídeos Bico Doce (*Ameiva ameiva*) e o Teju (*Tupinambis marianae*), e o Calango de rabo vermelho (*Vanzosaura multiscutata*). Somente nesta área foi registrado o calango (*Mabuya heathi*) (foto acima), sendo um animal associado à áreas com maior aporte arbóreo. Portanto trata-se de uma área de extrema importância e representatividade para a fauna de répteis da Caatinga do estado do Rio Grande do Norte.



Alan Oliveira

Caracterização Geral

Localizada na região central do estado, na porção mais ao norte do Planalto da Borborema, esta área cobre principalmente os municípios de Santana do Matos, e Florânia; neste último é encontrada ainda a Serra do Cajueiro, que também faz parte da área considerada aqui. O platô da Serra de Santana apresenta um clima mais ameno e solo arenoso propício para a agricultura e, está em grande parte bem ocupado por área urbana. No entanto, as áreas íngremes da encosta e algumas porções dos vales são cobertos por uma caatinga arbórea densa e relativamente bem conservada.



Informações gerais

Área Total: 26428,4 ha

Área de Caatinga: 19796 ha

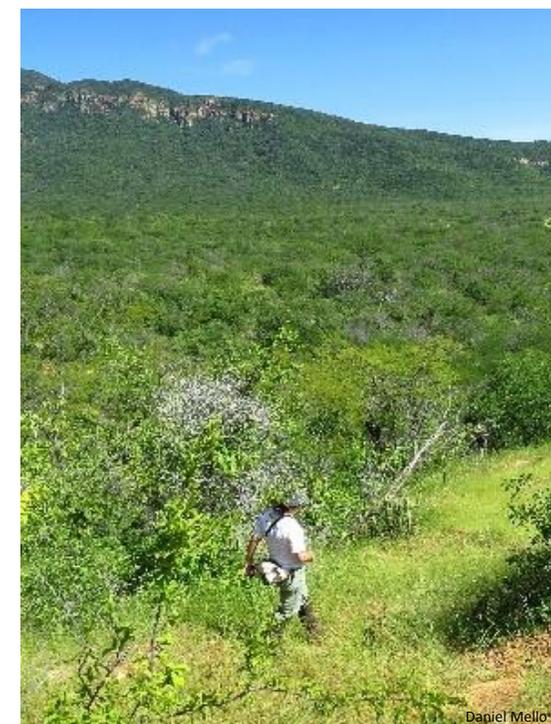
Porcentagem de Caatinga: 74,9%

Área de Caatinga Arbórea: 1548,3 ha

Porcentagem de Caatinga Arbórea: 5,9%

Altitude média (mín — máx): 431 m (127 — 737)

SERRA DE SANTANA



Mamíferos

Em Serra de Santana foram registradas oito espécies de mamíferos, dentre as quais estão o tamanduá-mirim (*Tamandua tetradactyla*), a jaritataca (*Conepatus amazonicus*), o macaco-prego (*Sapajus libidinosus*) (foto ao lado) e o gato-do-mato-pequeno (*Leopardus tigrinus*), este último ameaçado de extinção. No entanto, o veado-catingueiro (*Mazama gouazoubira*), uma espécie registrada em quase todas as outras áreas, não foi registrada na Serra de Santana. Neste caso, embora os moradores relatem que não o veem há muito tempo, é provável que ainda haja indivíduos refugiados nos locais mais preservados e isolados da área, como nas encostas e vales íngremes com vegetação conservada.

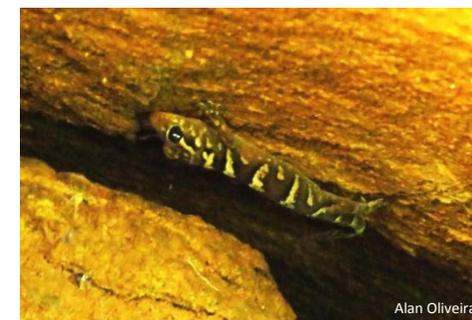


Aves

A Serra de Santana foi a área com maior número de espécies de aves registradas durante o levantamento (147 espécies). Entre as espécies registradas estão o rabo-branco-de-cauda-larga (*Anopetia gounellei*), o João-chique-chique (*Synallaxis hellmayri*), a choca-do-nordeste (*Sakesphorus cristatus*) e o bacurauzinho-da-caatinga (*Hydropsalis hirundinaceus*), todas consideradas endêmicas do bioma Caatinga. Encontra-se, também, o João-chique-chique (*Synallaxis hellmayri*) (foto ao lado) considerado próximo da ameaça de acordo com a BirdLife International. Na área de Serra de Santana não foi registrada nenhuma espécie de ave ameaçada duramente o levantamento, entretanto é provável que nas áreas de encosta que se encontram mais conservadas ocorra o jacu da caatinga ou jacucaca (*Penelope jacucaca*), pois essa espécie ocorre em áreas relativamente próximas como é o caso de Lajes e Cerro Corá. Nesse sentido, a alta riqueza de espécies de aves mostra que Serra de Santana é uma importante área para conservação da avifauna do nordeste e sobre tudo da avifauna presente na Caatinga potiguar.

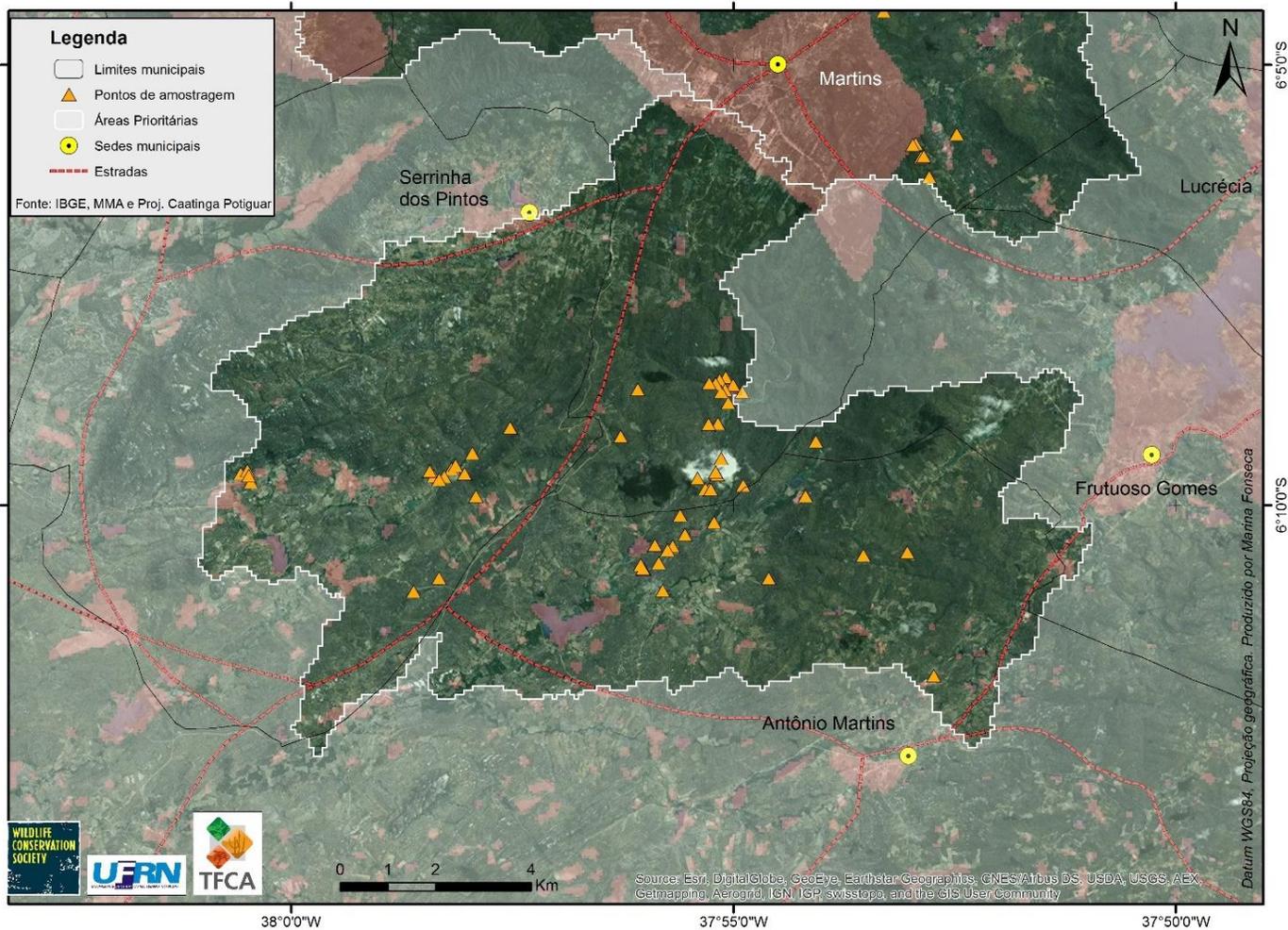
Lagartos

Na Serra de Santana registrou-se cinco espécies de lagartos. Algumas delas são bastante comuns no bioma Caatinga, tais como a lagartixa de Caatinga (*Phyllopezus periosus*) (foto ao lado), a briba (*Gymnodactylus geckoides*) e o calango de lajeiro (*Tropidurus semitaeniatus*). Além dessas espécies, registrou-se a lagartixa de parede (*Tropidurus hispidus*) e o calango (*Cnemidophorus ocellifer*) que são espécies com uma distribuição mais ampla, ocorrendo inclusive em outros biomas, como a Mata Atlântica e o Cerrado. Uma característica preocupante dessa região é a grande degradação da mata nativa no platô da serra, onde existe uma composição de solo mais arenosa. O único fragmento ainda existente no cume da serra demonstra um tipo vegetativo distinto das outras áreas, como as encostas e a parte baixa da serra, a qual também é extremamente degradada para atividades de agricultura e pecuária. Esse fato pode estar ligado a baixa riqueza de espécies comparada com as outras localidades, inclusive outras regiões serranas.



Mauro Pichorim

Alan Oliveira



Caracterização Geral

Imediatamente próxima da área de Martins e cobrindo os municípios de Serrinha dos Pintos, Antônio Martins e um pequeno território em Frutuoso Gomes, no alto-este potiguar, esta área também possui um relevo acidentado, porém com altitudes mais baixas. A área é coberta por remanescentes de vegetação conservada de porte arbóreo em áreas de encostas de serras (como a Serra de Martins) e com porte menor nos serrotes e em áreas de sertão (o que a difere da área de Martins).

Nesta região são encontrados afloramentos rochosos de grande beleza cênica. A economia da região é baseada na agricultura e na pecuária, contudo o turismo ecológico possui um potencial ainda inexplorado nesta área.

Informações gerais

Área Total: 14227,2 ha

Área de Caatinga: 13485,7 ha

Porcentagem de Caatinga: 94,8%

Área de Caatinga Arbórea: 1170,3 ha

Porcentagem de Caatinga Arbórea: 8,2%

Altitude média (mín — máx): 406 m (224 — 746)

SERRINHA DOS PINTOS



Mamíferos

Em Serrinha dos Pintos foram registradas nove espécies de mamíferos, entre elas dois felinos ameaçados de extinção, o gato-mourisco (*Puma yagouaroundi*) (foto ao lado), registrado em apenas três das 10 áreas estudadas, e o gato-do-mato-pequeno (*Leopardus tigrinus*), que exibiu as maiores abundâncias nesta área. Outros registros incluem o veado-catingueiro (*Mazama gouazoubra*), também bastante abundante, o tatu-galinha (*Dasypus novemcinctus*) e o tamanduá-mirim (*Tamandua tetradactyla*). O relevo acidentado com remanescentes de vegetação conservada em áreas de encostas de serras e serrotes contribui para a considerável integridade da comunidade de mamíferos nesta área.



Aves

Em Serrinha dos Pintos foram registradas 67 espécies de aves. Ressalta-se a presença do arapaçu-beija-flor (*Campylorhamphus trochilirostris*), da noivinha (*Xolmis iruperu*) e da graúna (*Gnorimopsar chopi*), a qual é cada vez menos comum devido à captura para o tráfico ilegal. Outros registros incluem o piu-piu (*Myrmorchilus strigilatus*), o caneleiro-enxofre (*Casiornis fuscus*), o inhambu-chororó (*Crypturellus parvirostris*) e a codornado-nordeste (*Nothura boraquira*). As serras e os vales possuem remanescentes de Caatinga ainda em bom estado de conservação, especialmente os que estão localizados nas encostas e ao longo dos rios, contribuindo assim para a manutenção da integridade da comunidade de aves na região de Serrinha dos Pintos.

Lagartos

Serrinha dos Pintos é a segunda área amostrada mais rica em espécies de lagartos, com 10 espécies. Esta área apresenta uma alta complexidade topográfica e de habitats, abrigando animais com diferentes hábitos de vida. Todas as espécies de ampla distribuição estão presentes, como a Lagartixa da Caatinga, a lambioia, o calango e o calango de lajeiro (*Tropidurus hispidus*, *Tropidurus semitaeniatus*, *Gymnodactylus geckoides*, *Phyllopezus pollicaris*, *Lygodactylus klugei* e *Cnemidophorus ocellifer*). Além disto, estão presentes espécies de distribuição mais restritas como o calango de rabo vermelho (*Vanzosaura multiscutata*) (foto ao lado). Registrou-se também os teídeos Bico doce (*Ameiva ameiva*) e o Teju (*Tupinambis marianae*), bem como uma espécie que também é de ampla distribuição, porém que apresentou apenas um registro para essa área, que é a Iguana (*Iguana iguana*).



Mecanismos de Conservação da Biodiversidade da Caatinga Potiguar

Durante os dias 22 e 23 de setembro de 2015, foi realizada, em Natal, a oficina de encerramento do Projeto Caatinga Potiguar. Nesta oportunidade foram reunidos cerca de 50 representantes das prefeituras municipais onde incidem as áreas prioritárias apresentadas aqui, além de representantes de órgãos governamentais de meio ambiente, empresas privadas, da academia e representantes da sociedade civil. Durante os dois dias de trabalho foram apresentados os principais resultados do Projeto Caatinga Potiguar e, em grupos de trabalho e na plenária, foram propostas ações e mecanismos que visam promover um incremento da conservação da biodiversidade da Caatinga do Rio Grande do Norte. Os mecanismos discutidos estão listados abaixo, bem como o resumo das ações propostas.

1. Apresentar os resultados obtidos pelo Projeto nos municípios envolvidos.
2. Participar de reuniões do Conselho de Desenvolvimento Sustentável (CEDRUS) e repassar os resultados do trabalho para os tomadores de decisão (órgãos federais, estaduais e municipais).
3. Criar um marco regulatório para envolver parceiros do setor privados (e outros) em estratégias de fomento de ações de conservação na Caatinga. As empresas de energia eólica, por exemplo, são potenciais parceiros por compartilharem da agenda ambiental.
4. Promover iniciativas de educação ambiental em escolas que sensibilizem alunos e professores sobre a diversidade e importância da preservação do bioma Caatinga.
5. Incorporar os métodos e apontamentos deste Projeto nos termos de referência de licenciamento do IDEMA.
6. Viabilizar parcerias entre órgãos ambientais de governo, setor eólico, academia e ONGs socioambientais.
7. Planejar o sistema de UCs Potiguar com base em experiência de mosaico de áreas protegidas já presentes em outros Biomas;
8. Elaborar estratégias que viabilizem a captação de recursos destinados à conservação nos moldes do Programa ARPA.
9. Otimizar os mecanismos de compensação ambiental, garantindo que os recursos sejam usados para a criação, implementação, manutenção de UCs e realização de pesquisas nessas áreas.

10. Promover campanhas de sensibilização de proprietários particulares sobre a importância e viabilidade de RPPNs e customizar estratégias que facilitem a criação dessas UCs, nos moldes do que vem sendo feito no sul da Bahia.
11. Desenvolver estratégias de recompensa por áreas preservadas, como ICMS ecológico, pagamentos por serviços ambientais, etc. no Estado do RN.
12. Promover maior integração e participação das organizações não governamentais e de pesquisa nas tomadas de decisão em questões relevantes para a conservação da Caatinga potiguar.

Resumo das ações indicadas durante a Oficina

| Ação proposta | Número de indicações |
|---|----------------------|
| Criação de Unidades de Conservação (UCs) | 32 |
| Educação ambiental | 6 |
| Fiscalização | 4 |
| Manejo | 4 |
| Restauração | 3 |
| Restauração e manejo | 3 |
| Verificar relevância para a criação de UC | 2 |
| Ampliação de UCs | 1 |
| Fomento a criação, implementação e manutenção de UCs | 1 |
| Fomento a criação, implementação e manutenção de UCs e outras atividades de conservação | 1 |



Agradecimentos

À WCS Brasil que reconheceu a importância de investir seus esforços na conservação da Caatinga e acreditou nesta parceria com a UFRN para a execução e coordenação deste projeto. Obrigado Carlos Durigan (Diretor WCS Brasil) e Ana Garrido (Gerente de programa).

Ao IDEMA, na pessoa de Gustavo Szilayi (Diretor geral IDEMA/RN), Flávio Henrique Cunha de Farias e Pedro Ivo (Coordenadores do NUC), por prontamente apoiarem este projeto desde sua concepção.

A equipe TFCA/FUNBIO por todo empenho e agilidade durante a execução financeira deste projeto.

A UFRN por acreditar neste projeto desde o início e também por apoiá-lo com a participação direta de seus Professores e o uso de suas dependências.

Ao CNPq e a CAPES pelas bolsas de mestrado (Paulo Henrique Marinho, Damião Valdenor de Oliveira, Alan Felipe Oliveira e Daniel Bezerra de Mello) e Doutorado (Maria Clara Bezerra e Marina Fonseca).

Ao CNPq pela bolsa de produtividade ao Dr. Carlos Roberto Fonseca e Dr. Eduardo Martins Venticinque

Ao Sr. Airton Galvão, por além de toda sua participação na execução dos trabalhos de campo; ser de forma absoluta, uma fonte de inspiração, fé no trabalho e amor pelos sertões para todos nós. Tito, muito obrigado. Sempre.

Agradecemos aos técnicos de campo, João Bernardino de Lima (Seu João - Lajes e Cerro Corá), José Givaldo do Nascimento (Galego - Luis Gomes), Lielio Herson (Martins), Francisco Gomes de Miranda (Seu Titico - Martins), Chico Preto (Serrinha dos Pintos), Dian (Serrinha dos Pintos), Geilson Gois (Felipe Guerra) e Jason Gois (Felipe Guerra), que nos guiaram em segurança e que nos apoiaram com seu conhecimento em praticamente todas as expedições de campo.

Agradecemos a Dona Nicinha (Maria Eunice de Araújo Mendes, Coronel Ezequiel), Francisca Salette da Silva (Dona Tica - Serra de Santana), Dona Mocinha (Cerro Corá), Aldenora (Serrinha dos Pintos), Francisco Cavalcante Soares (Bala - Cerro Corá), Severino Pedro Diogo (Seu Severino - Cerro Corá), Francisco de Assis Silva (Véi - Cerro Corá) e Flávio Dantas de Araújo, sua esposa e filho (Venha-Ver), por nos terem recebido em suas casas de forma tão acolhedora e generosa durante os trabalhos de campo.

Agradecemos ao geógrafo Luis Felipe Fernandes Barros e a Natalia Rodriguez, que sempre contribuíram ao longo do projeto, desde a amalgamação da parceria com o IDEMA, e por terem constantemente emprestando seus conhecimentos sobre o Rio Grande do Norte para a realização deste projeto.

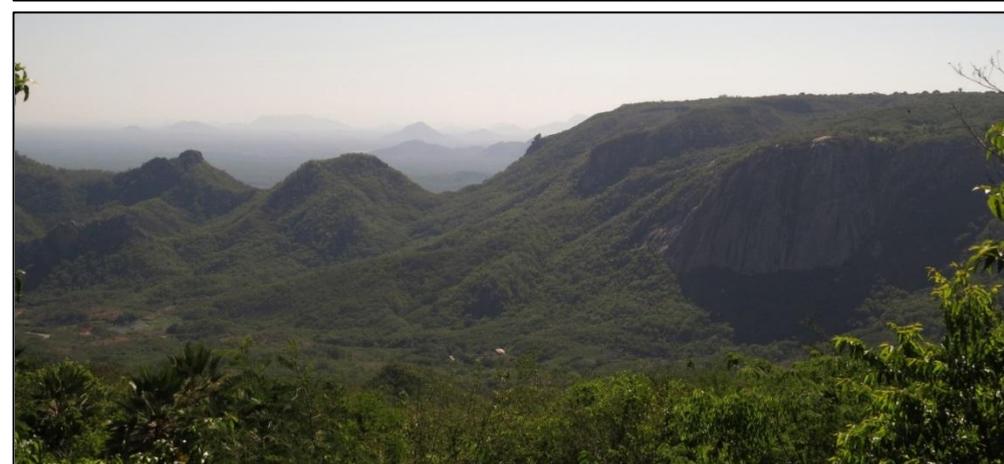
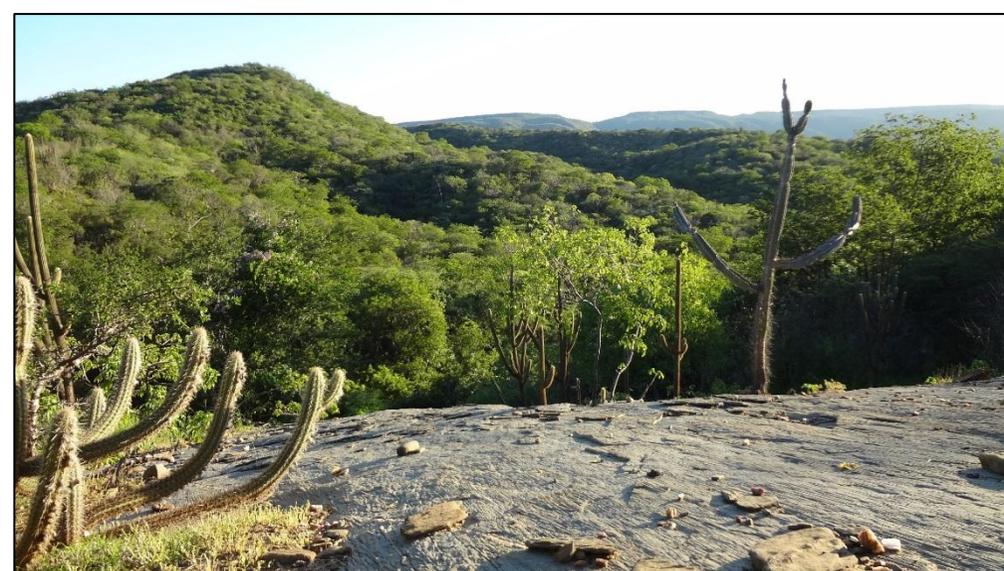
Aos participantes da primeira oficina de indicação de Áreas importantes para a conservação da Biodiversidade no Rio Grande do Norte.

Aos participantes da oficina de encerramento do Projeto Caatinga Potiguar, realizado em Natal nos dias 22 e 23 de Setembro, por sua valiosa e imprescindível colaboração na construção deste cartograma.

Agradecemos a Eugenia Cordero Schmidt, Felipe Pereira Marinho, Laura Kyoko Honda, Juan Carlos Vargas e Willianilson Pessoa pela ajuda no campo em algumas expedições e ao Prof. Dr. Tadeu Gomes de Oliveira pela identificação de alguns registros fotográficos de *Leopardus tigrinus*.

Agradecemos as seguintes pessoas pelo apoio aos levantamentos socioecológicos: Aniele da Silva Araújo (ajuda de campo); Gilciana (funcionária de Dona Nicinha em Coronel Ezequiel); Vanessa Rodrigues de Moraes (ajuda de campo); Bruna Campos (ajuda de campo); Arnaldo Honorato Vieira Filho (identificação das etnoespécies de aves); Rafael Domingos de Oliveira (identificação das etnoespécies de vegetais); Hugo Fernandes Ferrreira (identificação das etnoespécies de mamíferos e répteis); Sarah Mângia (identificação das etnoespécies de répteis e anfíbios) Cayo Lima (identificação das etnoespécies de aves); Maria Grazia Pennino (análise estatística) e a todas as pessoas das comunidades que ajudaram com informações, carinho, almoço e hospedagem aos pesquisadores no campo.

Agradecemos a Eugenia Cordero Schmidt, Juan Carlos Vargas, Marília Gomes Teixeira, Natalia Rodriguez, Paulo Henrique Marinho, Rafaela Machado e Iracy Wanderley Filha por sua colaboração na organização da Oficina Final do Projeto Caatinga Potiguar e especialmente a Marília Gomes Teixeira pela relatoria do evento e confecção dos certificados.



Realização



Parceria



Apoio

